



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Departamento de Letras e Artes

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS - MEL**

DANIELA BARRETO SANTANA

**O DISCURSO SOBRE A *MULHER MAGNÉTICA* EM
VÍDEOS DO *YOUTUBE*: O PROCESSO DE
SUBJETIVAÇÃO DA MULHER HOJE**

Feira de Santana, BA
2021

DANIELA BARRETO SANTANA

**O DISCURSO SOBRE A MULHER MAGNÉTICA EM
VÍDEOS DO YOUTUBE: O PROCESSO DE
SUBJETIVAÇÃO D MULHER HOJE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Luzia Carneiro
Borges

Feira de Santana, BA
2021

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

S223a Santana, Daniela Barreto

O discurso sobre a mulher magnética em vídeos do YouTube: o processo de subjetivação da mulher hoje / Daniela Barreto Santana. –, 2021.

90 f.: il.

Orientadora: Carla Luzia Carneiro Borges

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2021.

1. Mulher - Sexualidade - Aspectos sociais. 2. Mulher-Subjetivação - Análise do discurso. 3. YouTube (mídia social online) I. Borges, Carla Luzia Carneiro, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 801:396

Tatiane Souza Santos - Bibliotecária CRB5/1634

TERMO DE APROVAÇÃO

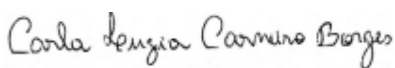
DANIELA BARRETO SANTANA

O DISCURSO SOBRE A *MULHER MAGNÉTICA* EM VÍDEOS DO *YOUTUBE*: O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DA MULHER HOJE

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Linguísticos, no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Departamento de

Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), pela seguinte banca examinadora:

Data da defesa 25/03/2021



Profa. Dra. Carla Luzia Carneiro Borges
Orientadora - UEFS



Profa. Dra. Denise Gabriel Witzel (Unicentro)



Profa. Dra. Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez (UEFS)

AGRADECIMENTOS

Sou grata a todos os componentes do grupo Linsp – Linguagem, Sociedade e Produção de Discursos, que, de alguma forma, contribuíram para a produção e melhoria desse trabalho, em especial aos colegas de grupo o mestre Diego Medeiros e a doutoranda Edna Marques, que me ouviram em momentos mais específicos, sempre provocando questões importantes para o amadurecimento de meu trabalho.

Agradeço também à professora doutora e vice-coordenadora do grupo, Renailda Cazumbá, sem deixar de destacar a coordenadora do grupo e orientadora da presente pesquisa, a professora doutora Carla Borges.

Não poderia deixar de agradecer, também, ao professor doutor Nilton Milanez, que deu contribuições significativas como professor da disciplina “Modos de enunciar: sujeito, corpo e audiovisuais”, com provocações importantes sobre a minha temática. Ademais, agradeço às professoras doutoras Palmira Heine e Denise Witzel

que compuseram a banca de avaliação deste trabalho e contribuíram com uma leitura detalhada desde a etapa de qualificação.

RESUMO

Este trabalho faz uma análise, por meio do método arqueogenealógico desenvolvido por Michel Foucault, de como a mulher de hoje se constitui, torna-se sujeita. Analisa-se o discurso sobre a Mulher Magnética (conceito de mulher desenvolvido pela *coach* de relacionamentos Vanessa de Oliveira), o qual circula em vídeos do *Youtube* e que propaga uma ideia de empoderamento e protagonismo feminino. A pesquisa teve como objetivo analisar o processo de subjetivação da Mulher Magnética. Para tanto, observou-se o que já foi dito sobre a mulher em outras temporalidades e o que é dito hoje, discursos que ficaram na memória (isto é, enunciados existentes historicamente) e que se repetem, constituindo uma regularidade discursiva, os quais atravessam o discurso sobre a mulher magnética e vão subjetivando a mulher de hoje. Analisou-se, também, a formação do corpo dócil e como o dispositivo da sexualidade atua sobre ele. Ademais, analisou-se o que já foi dito sobre a mulher na literatura e na mídia, que constituíram um arquivo e atravessam os atuais discursos. Foi feita uma análise de como a *coach* conduz a mulher de hoje, como ela se subjetivou, alcançando o governo de si por meio de uma atitude crítica, passando de prostituta a *coach* de relacionamentos, e hoje direciona a vida de outras mulheres, por meio de um discurso que propõe o empoderamento e protagonismo feminino, mas que, no fundo, perpetua a ideia de submissão ao sexo oposto. Obteve-se, como resultado, a ideia de que tal

discurso está na ordem, visto ser ele, como todos os outros, selecionado, controlado. Por fim, chegamos à conclusão de que, mesmo tentando romper com as normas sociais, a Mulher Magnética, chamada pela *coach* de mulher empoderada, ainda está presa aos moldes sociais que determinam o seu comportamento e o espaço que a mulher deve ocupar.

Palavras-chave: Mulher. Discurso. Sujeito. Subjetivação.

ABSTRACT

This work makes an analysis, through the archeogenealogical method developed by Michel Foucault, of how today's woman is constituted, she becomes subject. The discourse on Magnetic Woman (concept of women developed by the relationship coach Vanessa de Oliveira) is analyzed, which circulates on YouTube videos and which propagates an idea of empowerment and female protagonism. The research aimed to analyze the subjectivation process of the Magnetic Woman. For that, it was observed what has been said about women in other times and what is said today, discourses that remained in memory (that is, statements that existed historically) and that are repeated, constituting a discursive regularity, which cross the speech of the Magnetic Woman and subjectify the woman of today. It was also analyzed the formation of the docile body and how the device of sexuality acts on it. Furthermore, what has been said about women in literature and in the media was analyzed, which constituted an archive and cross current discourses. An analysis was made of how the coach leads the woman of today, how she became subjectified, reaching self-government through a critical attitude, moving from prostitute to relationship coach, and today she directs the lives of other women, through of a discourse that proposes female empowerment and protagonism, but that, deep down, perpetuates the idea of submission to the opposite

sex. As a result, it was obtained the idea that such discourse is in order, since he, like all others, is selected, controlled. Finally, we came to the conclusion that, even trying to break with social norms, the Magnetic Woman, called by the coach as an empowered woman, is still stuck in the social molds that determine her behavior and the space that the woman should occupy.

Keywords: Woman. Discourse. Subject. Subjectivation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escolha a melhor opção para você.....68

Figura 2 – Depoimentos de alunas69

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUZINDO UMA ARQUEOGENEALOGIA DAS RELAÇÕES ENTRE ISCURSO, MULHER E PODER | 10 |
| 2.1 “QUER SER, AMIGA LINDA, UMA MULHER DE VERDADE?”: QUEM É A MULHER MAGNÉTICA | 15 |
| 2.2 A SEXUALIDADE NORMALIZADA E A SUBJETIVAÇÃO DA MULHER HOJE..... | 19 |
| 2.3 O CURSO MULHER MAGNÉTICA: ESPAÇO DE INSURREIÇÃO E DE SUJEIÇÃO | 34 |
| 3 A MULHER, A DOCILIZAÇÃO DOS CORPOS E AS PRÁTICAS DE LIBERDADE | 38 |

| | |
|---|-----------|
| 3.1 O DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE E SUAS REGRAS DE APROPRIAÇÃO DO FEMININO: QUAIS AS VERDADES..... | 47 |
| 3.2 A MULHER NO ESPAÇO DAS NARRATIVAS: O QUE DIZ A LITERATURA E A MÍDIA..... | 53 |
| 4 PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DA MULHER MAGNÉTICA – DE PROSTITUTA A COACH DE RELACIONAMENTOS..... | 58 |
| 4.1 DE PROSTITUTA A <i>COACH</i> | 58 |
| 4.2 A PRÁTICA DA DIREÇÃO DE VIDA: DOS SOFISTAS AOS <i>COACHS</i> HOJE..... | 67 |
| 4.3 O DISCURSO DE EMPODERAMENTO E A BUSCA DE UMA VERDADE PARA SI..... | 78 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE UM PERCURSO DE MULHER E SEUS INDÍCIOS PARA UMA HISTÓRIA DA SEDUÇÃO..... | 84 |
| REFERÊNCIAS..... | 88 |

1 INTRODUZINDO UMA ARQUEOGENEALOGIA DAS RELAÇÕES ENTRE DISCURSO, MULHER E PODER

O tema mulher muito me interessa, pois, em diversos momentos da minha vida, tive dificuldade de entender as determinações que são dadas à mulher, o que é dito sobre ela, sobre a sua sexualidade, como também o tratamento que é dado a ela, tanto por homens quanto por outras mulheres, que repetem práticas machistas e se enquadram em muitas normas sociais que determinam o que é ser mulher. Em muitos momentos, quis entender por que a mulher tem de ter determinados comportamentos que são pré-estabelecidos e por que era necessário obedecer.

O presente trabalho buscou analisar o discurso sobre a mulher magnética, que circula em vídeos do *Youtube*, o qual propõe uma ideia de empoderamento e protagonismo feminino. Tais vídeos se encontram disponíveis nos canais da *coach* de relacionamentos Vanessa de Oliveira: *Vanessa de Oliveira*, com 1,25 milhão de inscritos, em 01 de fevereiro de 2021; e *Mulher Magnética*, com 771 mil inscritos, em 01 de fevereiro de 2021. A *coach* também possui dois sites: www.vanessadeoliveira.com.br/ e www.mulhermagnetica.com.br. Nesses canais e sites, circulam vídeos que envolvem um discurso de mulher empoderada e protagonista de sua própria vida, a denominada mulher magnética. Neles, fala-se sobre a mulher, orientando-a a ter um melhor direcionamento de sua vida, ensinando-a a obter sucesso no relacionamento amoroso e oferecendo o “Curso Mulher Magnética: 30 dias para transformar sua vida”. Estes ditam práticas de sujeição, determinando todos os passos que a mulher deve seguir, promovendo uma mobilização/sujeição da mulher no processo de conquista do homem e constituindo uma subjetividade feminina. Diante disso, questiona-se: Quem é a mulher magnética?

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar o processo de subjetivação da mulher magnética enquanto uma posição ocupada pela mulher numa ordem do discurso dada e, para isso, os objetivos específicos são verificar como se definem as modalidades enunciativas para o corpo feminino que é/foi docilizado, descrever o dispositivo da sexualidade que atravessa a constituição da mulher de hoje e identificar as regularidades discursivas que colaboram para a constituição dessa mulher para, dessa forma, analisar quais são as condições sócio-históricas de raridade, exterioridade e acúmulo dos enunciados que definem a existência de uma mulher magnética nos dias atuais.

Para fazer a análise discursiva, foi considerado o arcabouço teórico-metodológico da arqueogenealogia proposto por Michel Foucault. Foi feita uma análise arqueológica (FOUCAULT, 2008) para detectar a formação histórica do discurso sobre a mulher magnética em um determinado campo do saber: Como esse discurso se formou? Como surge hoje um discurso legitimado acerca das subjetividades femininas sobre relacionamento? Por que emergem tais enunciados e não outros em seu lugar? Sobre a arqueologia, Foucault (2008) expõe que:

A arqueologia define as regras de formação de um conjunto de enunciados. Manifesta, assim, como uma sucessão de acontecimentos pode, na própria ordem em que se apresenta, tornar-se objeto de discurso, ser registrada, descrita, explicada, receber elaboração em conceitos e dar a oportunidade de uma escolha teórica. A arqueologia analisa o grau e a forma de permeabilidade de um discurso: apresenta o princípio de sua articulação com uma cadeia de acontecimentos sucessivos; define os operadores pelos quais os acontecimentos se transcrevem nos enunciados (FOUCAULT, 2008, p.188).

Nesse sentido, buscou-se identificar como o discurso sobre a mulher magnética se formou. A análise discursiva não se detém apenas à linguagem, mas também faz um apanhado histórico no sentido de buscar a sua formação, as condições de possibilidade de sua insurgência, as regularidades discursivas, a forma como discursos aparentemente inertes são reativados em novas relações. Ademais, buscou-se entender que saberes circulam no discurso em análise, o que o legitima e o faz alcançar um número tão alto de seguidoras, quais as “superfícies de inscrição” que permitiram a propagação desse discurso sobre a mulher nos dias de hoje.

Além do método arqueológico, o genealógico também é base desta pesquisa:

É preciso se livrar do sujeito constituinte, livrar-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica. E isto que eu chamaria de genealogia, isto é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história. (FOUCAULT, 1979, p. 7)

Nessa perspectiva, buscou-se, além da análise arqueológica, realizar uma análise genealógica, na tentativa de compreender como se formou o discurso sobre a mulher ao longo da história, eliminando-se o sujeito Vanessa e atentando-se aos elementos que contribuíram para a formação do discurso da *coach*. Assim, tendo em vista que a arqueologia dá conta dos saberes, e a genealogia do poder e de como os saberes são

dados, por que um é mais prestigiado do que outro (ambos os métodos discutidos por Foucault no conjunto da sua obra, em diferentes momentos), o método utilizado nesse trabalho é o arqueogenealógico, que busca analisar a relação de saber/poder, visto que lidarei tanto com os saberes produzidos pela mulher nos dados analisados (arqueologia), como também mostrarei o lugar que a mulher vai ocupar por conta disso e o atravessamento dos dispositivos, sob uma ótica das relações de poder, o que vai determinar aquilo que a mulher pode e o que não pode fazer, assim como o melhor comportamento que ela deve ter (genealogia).

Em seu curso, Vanessa vai ensinar as mulheres a conquistar os homens, já que essa tarefa ainda é dada como um objetivo deste público, e o que se pretende analisar, nesse discurso, é a conservação de um modo de agir para satisfação do gênero masculino a fim de, assim, conquistar o homem e manter com ele o relacionamento que ela deseja, pois este é um desejo dela. Então questionamos: por que a mulher ainda está associada ao desejo de se casar mesmo não dependendo mais do homem? Esse objetivo de atrair o homem é realmente um desejo seu ou essa ideia lhe foi imposta socialmente?

Por muito tempo, desde o início da formação do Brasil, a mulher não tinha espaço na sociedade, sendo mais voltada para o lar, marido e filhos, ocupando um lugar de submissão ao sexo oposto, que era superior. Com o passar do tempo, foi conquistando um maior espaço na sociedade, o que foi possível devido às lutas do movimento feminista, cuja primeira onda se iniciou na segunda metade do século XIX (JENAINATI, 2020), adquirindo vários direitos que antes lhe eram negados. Apesar de ainda haver muitas desigualdades sociais entre os gêneros, a exemplo da diferença salarial, em que o salário das mulheres equivale a “77,7% do salário dos homens em 2019” (GUEDES, 2021), nota-se também que muitas conquistas se realizaram. Hoje ela tem a opção de escolher não casar, de ser mãe solteira (até mesmo de encomendar o seu filho por procedimento *in vitro*), de estudar, trabalhar, ocupar cargos que antes eram exclusivos dos homens, ter “opinião própria” e desenvolver várias atividades que antes eram exclusivas do sexo masculino. Porém, suscitamos a hipótese de haver, mesmo com todas essas mudanças, uma produção de subjetividade configurada pelo dispositivo da sexualidade que atravessa a mulher, desde tempos remotos, e que hoje atualizam antigos discursos sobre ela.

Sendo assim, é necessário, ainda, falar sobre a mulher, sobre tudo aquilo que a torna mulher, sobre os discursos que buscam assujeitá-la, pois ela ainda ocupa uma posição socialmente desfavorecida, o que é perceptível nos discursos que circulam na

sociedade atual. Dessa forma, esse trabalho busca contribuir para o campo de pesquisa dos estudos discursivos foucaultianos e para o estudo de gênero.

Para realização desse trabalho, foi feita uma revisão bibliográfica, buscando-se, como fontes de pesquisa, livros que tratam sobre os estudos discursivos na perspectiva foucaultiana, como “Arqueologia do saber”, o qual apresenta o método utilizado por Foucault para fazer uma análise arqueológica do discurso, e “História da sexualidade”, que trata do dispositivo da sexualidade, teoria discutida nesse trabalho, entre outros livros do mesmo autor. Ademais, foram utilizados livros que falam sobre a mulher, sobre a sua história, livros que tratam de gênero, como também notícias e reportagens que circularam em sites jornalísticos, além da bíblia sagrada.

O corpus dessa pesquisa é constituído por sete vídeos dos canais da *coach* (“Mulher Magnética” e “Vanessa de Oliveira”), escolhidos por apresentarem discursos que subjetivam a mulher de hoje e conservam uma posição subalterna da mulher, apesar de afirmar tratar de uma mulher que é empoderada e protagonista da própria vida.

No processo de seleção dos vídeos, foram escolhidos aqueles em que se encontravam enunciados sobre a mulher os quais estabeleciam alguma relação com outros que circularam em outras temporalidades e espaços diversos, atravessando o processo de subjetivação da mulher de hoje. Além disso, foram selecionados aqueles que descreviam o que era a mulher magnética, o que é ser mulher hoje; que ofereciam técnicas de si para as mulheres e que, ao mesmo tempo, criavam uma subjetividade.

Esse trabalho está dividido em seis seções, sendo a primeira a introdução. Na segunda, cujo título é “A constituição da mulher hoje: entre lutas e sujeições”, são discutidos os sentidos do termo magnética e qual é o processo de formação do conceito de mulher, na perspectiva de formação de objetos da arqueologia foucaultiana. Em seguida, analisa-se o processo de subjetivação da mulher, considerando o que já foi dito e o que ainda é dito sobre ela e discute-se sobre como a mulher de hoje se constitui, sobre as práticas discursivas que a tornam sujeito. Na terceira seção, de título “A mulher, a docilização dos corpos e a prática de liberdade”, discute-se sobre a docilização do corpo feminino, na perspectiva do corpo de Foucault, sobre o dispositivo da sexualidade que atua sobre ele, como também o discurso sobre ela nas narrativas.

Na quarta, denominada “O processo de subjetivação da Mulher Magnética – De prostituta a *coach* de relacionamentos”, faz-se uma análise histórico-discursiva da prostituta e analisa-se como Vanessa de Oliveira se subjetivou, passando de prostituta a *coach* de relacionamentos, passando a ter uma atitude crítica e a obter o governo de si

para, então, governar o outro com práticas de direção de vida. Analisa-se, também, a prática de direção de vida dos sofistas aos *coachs* de hoje. Em seguida, discutimos, na quinta seção, sobre “A ordem do discurso sobre Mulher Magnética”, na perspectiva da ordem do discurso defendida por Foucault. Por fim, apresentamos a conclusão desse trabalho.

Como resultados, a pesquisa trouxe elementos que possibilitam afirmar que a mulher dita magnética não possui o empoderamento e protagonismo como é proposto pela *coach*, e o discurso sobre ela é uma reatualização de discursos sobre a mulher que circularam em outras temporalidades e que a colocavam em um posição de inferioridade em relação ao homem.

2. A CONSTITUIÇÃO DA MULHER HOJE: ENTRE LUTAS E SUJEIÇÕES

Nesta seção, busca-se analisar como a mulher de hoje (século XXI) se constitui/torna-se sujeito, estabelecendo uma trajetória histórico-discursiva que, desde os tempos ditos antigos, determina o seu lugar na sociedade e a coloca em uma posição de inferioridade em relação ao homem, considerado um ser superior. Analisa-se, brevemente, a construção dos papéis sociais e a formação do sujeito. Nesse sentido, busca-se entender como o discurso sobre a mulher magnética, que propaga a ideia de empoderamento e independência feminina, constitui a mulher de hoje e ainda a coloca em uma posição de submissão ao homem.

Para realizar essa discussão, trataremos, primeiramente, dos sentidos do termo magnética, os quais podem ser associados à constituição da mulher. Em seguida, veremos o que já foi dito e o que ainda é dito sobre a mulher na sociedade e os papéis a ela atribuídos, que buscam docilizar o seu corpo, o dispositivo da sexualidade que exerce poder sobre ela, a sua formação como sujeito e a subjetivação da mulher hoje. Ademais, analisaremos o curso Mulher Magnética como um espaço de insurreição e de sujeição.

2.1 “QUER SER, AMIGA LINDA, UMA MULHER DE VERDADE?”: QUEM É A MULHER MAGNÉTICA

Vanessa de Oliveira, em seus cursos, faz um convite à mulher: tornar-se magnética. Isso pressupõe que as mulheres não são magnéticas e precisam aprender a se tornar. Para isso, a *coach* oferece os seus cursos. Nesse contexto, questionamos: o que é ser magnética? De onde vem esse magnetismo? Aí começo uma incursão pelo processo de subjetivação da mulher hoje.

Segundo Vanessa, no vídeo “Supertrailer da Mulher Magnética”, “uma mulher que é magnética e poderosa, ela nunca é uma mulher que vai ter o objetivo único e principal de, na vida dela, seduzir, conquistar e casar com o homem.”¹ Então notamos que a construção da mulher magnética passa pela ideia de que a mulher tem outros

¹ OLIVEIRA, Vanessa. **Supertrailer da Mulher Magnética**. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DKW6uM6OR0k>>. Acessado em: 09 ago. 2018.

objetivos na vida dela, como o de estudar e trabalhar, por exemplo, como podemos perceber na fala de Vanessa no vídeo: “Erros que afastam o homem e o que fazer para atrair ele para você”: “Quer ser, amiga linda, uma mulher de verdade? Então me ouve. Primeiro, não dependa de homem.”². Dessa forma, a mulher magnética é uma mulher moderna, “poderosa”, que não depende de homem, nem o tem como o único objetivo, como acontecia com as mulheres de séculos passados, por exemplo, que encontravam no casamento seu único objetivo de vida. Assim a mulher se constitui neste outro lugar que até então lhe fora negado. Porém, podemos observar que, com todo esse empoderamento, com toda a independência, o casamento continua sendo um objetivo da mulher, ainda que não seja o único. Quando Vanessa orienta sobre os “erros que afastam o homem e o que fazer para atrair ele”, ela está colocando como objetivo final a conquista de um homem e reafirmando o lugar da mulher ao seu lado.

Segundo o site *Significados*³, “Magnetismo é uma força que exerce um poder de atração ou repulsão entre determinados objetos, como ímãs e materiais ferromagnéticos, por exemplo”. Então, o magnetismo está relacionado a um poder, ou seja, podemos associar a mulher magnética àquela que é poderosa, que exerce um poder, tanto de atração como de repulsão.

O *Dicionário Online de Português*⁴ coloca, como sentido figurado do termo, a “atração exercida por uma pessoa sobre outra; hipnotismo”. Nesse sentido, podemos acrescentar ao conceito de mulher poderosa a ideia de atração, isto é, aquela que pode atrair o outro. O termo “hipnotismo” amplia o sentido da palavra, visto que pode ser entendido como a ação de “fazer com que alguém fique tão encantado que não consiga agir nem raciocinar logicamente”, segundo esse mesmo site. Assim, a mulher que é magnética não atrai simplesmente o homem, ela exerce um poder de encantamento tão forte que não o permite raciocinar, sendo, portanto, fatal o tipo de sedução exercido por ela.

O magnetismo pode ser ilustrado, segundo os princípios da química, pela força que os ímãs exercem sobre os metais, proporcionando uma atração com grande intensidade devido ao seu comportamento ferromagnético.

² OLIVEIRA, Vanessa. **Erros que afastam o homem e o que fazer para atrair ele para você**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnHhGHHNls0>. Acesso em: 28 jul. 2019.

³ **Significado de magnetismo**. Significados, 17 jun. 2016. Disponível em: <https://www.significados.com.br/magnetismo/>. Acesso em: 23 set. 2020.

⁴ **Significado de hipnotizar**. Dicionário Online de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/hipnotizar>. Acesso em: 01 out. 2020.

O magnetismo, segundo Liria Souza, no site *Brasilecola*⁵, “pode ser explicado através das forças dipolo. Por exemplo, os materiais possuem dois diferentes polos, quando entram em contato com outros materiais os polos iguais se repelem e os polos opostos se atraem”. Assim, podemos associar a repulsão dos polos “iguais” à repulsão pelo mesmo sexo, sendo os polos/sexos opostos (masculino/feminino) atraídos, o que reforça a ideia de um relacionamento heteroafetivo notável no discurso sobre a mulher magnética. Ela atrai o sexo oposto e repulsa o mesmo sexo.

Até aqui, podemos, então, entender que a mulher magnética é poderosa, com grande poder de atração do sexo oposto, repulsando a ideia de um relacionamento homoafetivo, ou seja, é claro o poder de sedução da mulher para com o homem. É válido destacar que, em outras temporalidades, diante do controle da sexualidade feminina e da submissão das mulheres a padrões misóginos, aquelas que reagiam às imposições apostavam no exercício da sedução e da transgressão, em que uma de suas vertentes era o amor homossexual. Assim, a mulher refugiava-se na outra, o que era considerado um pecado que poderia levar o pecador a ser queimado vivo para não haver memória do corpo e sepultura, além de perder os bens para a Coroa (ARAÚJO, 2018). Tornar-se magnética pode ser visto, então, como a adequação a um padrão que determina a relação entre os corpos de sexos opostos, com distribuição específica de papéis.

No site mulhermagnetica.com.br⁶, a *coach* explica:

Uma mulher magnética, amiga linda, é aquela que, quando chega a um recinto, todos param para observá-la. Ficam admirados pela sua beleza, seu charme e, acima de tudo, pelo ar misterioso que ela carrega. Os homens ficam intrigados, querendo conhecê-la mais e desvendar seus segredos. Ficam curiosos e completamente atirados. E sabe por que isso acontece? Porque ela usa a sensualidade ao seu favor. É um artifício poderoso que ela transborda na maneira como se veste, como anda, como olha e até mesmo quando se comunica com os outros. Ela é poderosa e isso fica claro para qualquer um ao seu redor. Na conquista, não é diferente. A mulher magnética sabe que a sua postura diz muito sobre o que ela é, o que ela está pensando e como está se sentindo.

Notamos, então, que esse magnetismo está associado à ideia de sedução, ou seja, a mulher magnética é aquela que seduz, que explora a sensualidade e, assim, consegue

⁵ SOUZA, Liria Alves de. **Magnetismo**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/quimica/magnetismo.htm>. Acesso em: 12 dez. 2020.

⁶ OLIVEIRA, Vanessa. **Mulher Magnética com Vanessa de Oliveira**. Disponível em: <https://mulhermagnetica.com.br/o-que-e-ser-uma-mulher-magnetica/>. Acesso em: 19 jul. 2018.

atrair o homem para sua vida, possuindo um “poder” sobre o sexo oposto. Ela acrescenta, ainda:

Refiro-me a você se revelar aos poucos, usando o mistério como uma aventura instigante para eles. E sabe por que isso, lindona? Porque os homens ainda mantêm o instinto de caçadores de tempos remotos. Eles gostam de se sentir desafiados, de ser testados e lutar pelo que querem. Quanto mais misteriosa a mulher é, mais ele se fascina e cai aos seus pés. E uma mulher magnética sabe como usar isso como uma vantagem e fazer qualquer cara correr atrás dela.

A ideia de sedução, associada à mulher magnética, insurge nas práticas de seduzir de hoje, constituídas historicamente. Araújo (2018), ao analisar a sexualidade feminina na colônia, afirma que:

No conjunto, o projeto educacional destacava a realização das mulheres pelo casamento, tornando-as afinal hábeis na “arte de prender a seus maridos e filhos como por encanto, sem que eles percebam a mão que os dirige nem a cadeia que os prende”. Em outras palavras, devia-se aguçar seu *instinto feminino* na velha prática da sedução, do encanto (ARAÚJO IN PRIORI, 2018, P.51).

Destaca-se, aqui, a ideia de uma educação feminina voltada para a sedução do sexo oposto, para obtenção de um saber que proporcione sucesso na arte da conquista. Ao propor a ideia de magnetismo, associada à sedução e à atração do sexo oposto, observa-se que Vanessa retoma essa educação voltada para a mulher, visto que ela oferece um curso para ensiná-la a seduzir o homem, ideia que é destacada pela própria escolha linguística: mulher magnética. Ela reforça que, por meio do saber sobre o sexo oposto, a mulher alcançará o seu objetivo de conquistá-lo. Antes de aprofundarmos a nossa análise, podemos notar, a princípio, pela análise da escolha linguística (“magnética”), que esse discurso retoma outros que circularam em outras temporalidades e que destacam o papel da mulher na sociedade: agradar ao homem.

Entre os módulos disponíveis a serem estudados pelas mulheres para se tornarem magnéticas, dos quais serão analisados, nesse trabalho, apenas o título (pois são pagos e disponibilizados apenas para as alunas do curso), encontramos o “Módulo do Relacionamento”, cujos materiais têm os seguintes títulos: “Aprenderá como é a mente do homem”, “Saberá o que os homens buscam em uma mulher”; “Aprenderá a forma correta de conversar com um homem”; “Roteiro de Conversas para Chamar a Atenção Dele”; “Brincadeiras interessantes para fazer com ele enquanto conversam”; “Aprenderá a deixar o homem confortável com sua presença”; “Aprenderá como Agem

as Mulheres que os Homens Valorizam”; “Entenderá como se comportar emocionalmente diante de um homem”; “Identificar se ele quer um relacionamento sério”; “Como se tornar o Centro da Relação de vocês”; “Lidar de forma Inteligente com os Homens”; “Identificar e Romper os Relacionamentos Abusivos”; “Aprenderá a ser a mulher que os homens sonham se casar”; “Como se vestir, se comportar e o que falar para deixá-lo Maluco”; “Não demonstrar Ciúmes e Lidar com a Existência da Ex”; “Como evitar brigas e discussões no relacionamento”; “Aprenderá tudo sobre as fases do relacionamento para ter relações saudáveis”.

Observa-se que o conteúdo desse módulo está voltado para o relacionamento heteroafetivo e a conquista do homem pela mulher. Nota-se a repetição da palavra “homem”/“ele”, deixando claro que o foco de todo esse estudo é conhecê-lo para saber agradá-lo. Em nenhum momento considera-se o que agradará à mulher, o que está em questão é apenas a satisfação masculina. Assim, a mulher deve anular os seus interesses, o seu modo de ser para aprender um modo que agrade o outro (o homem), que atenda aos interesses dele, o que ele busca e valoriza. Então o empoderamento dela, ideia que constitui a base desse curso, é, na verdade, o poder de agradá-lo, de seduzi-lo a partir de um conhecimento que ela obtém sobre ele. Portanto, esses títulos reforçam a ideia já levantada aqui: a oferta de uma educação para a mulher obter um saber sobre o sexo oposto e, com isso, obter o poder de seduzi-lo, agradando-o.

Em suma, a mulher magnética é aquela que tem o poder de sedução, de atrair o sexo oposto. Sendo assim, a mulher deve estudar, educar-se, aprender mais sobre o homem para, com isso, tornar-se magnética e seduzi-lo. E para que todo esse processo de sedução? Para obter um relacionamento amoroso heteroafetivo bem-sucedido, visto ser esse o desejo de muitas mulheres.

2.2 A SEXUALIDADE NORMALIZADA E A SUBJETIVAÇÃO DA MULHER HOJE

Durante muito tempo, as mulheres não tinham voz ativa, não podiam tomar decisões e eram submissas ao pai ou ao marido. A sua felicidade se resumia à conquista de um bom casamento, no qual ela deveria cuidar do esposo, da casa e dos filhos. Muitas funções sociais, em diversos momentos históricos, não podiam ser desempenhadas por mulheres, como trabalhar fora de casa, estudar, votar, ter independência financeira, ou até mesmo o simples gesto de sair só na rua.

No Brasil, essa conduta feminina era notável desde o período colonial, em que a sexualidade da mulher era controlada e vigiada a todo tempo, o que lhe colocava em uma posição de respeito ao pai e, posteriormente, ao marido. Nesse contexto, o ideal era que, por toda a sua vida, a mulher saísse do lar em três ocasiões específicas: “para se batizar, para se casar e para ser enterrada” (PRIORI, 2018, p.49). Assim, a educação feminina se dava em casa e tinha como objetivo torná-la hábil para o casamento (que era decidido pelo pai), aprendendo o essencial para agradar o marido e os filhos, uma educação direcionada aos afazeres domésticos.

Cathia Jenainati (2020), ao falar da sociedade no início da Idade Moderna, expõe que:

As mulheres não tinham direitos formais e não eram representadas na lei. Embora algumas conseguissem receber educação superior, elas não tinham permissão para obter o diploma do curso que tinham feito. No casamento, o corpo da mulher pertencia ao marido, que também era o único guardião legal dos filhos (p.8).

Dessa forma, o seu modo de agir era modelado por discursos que visavam compor a sua subjetividade, colocando-a como sexo frágil e criatura irracional, os quais se materializam em revistas, jornais e até na bíblia sagrada. Nessa perspectiva, o papel social da mulher era sempre subordinado ao do homem, o qual era o chefe e tomava todas as decisões.

Na sociedade, o papel da mulher sempre foi muito bem definido: alcançar um bom casamento, cuidar da casa, do marido e dos filhos, obedecer. “A obediência da esposa era lei” (PRIORE, 2014, P.45). Em resumo, ela sempre esteve submissa a uma figura masculina, seja ela o pai, o irmão ou o marido. Assim, o homem esteve constantemente em uma posição de superioridade.

Essa ideia de submissão está associada à visão da mulher como um ser inferior, é essa inferioridade que justifica a submissão ao homem, ser superior. No século IV a.C., Aristóteles já dizia que as mulheres eram mulheres “em virtude de certa falta de qualidades” (JENAINATI, 2020, P.5). No século II, Tomás de Aquino afirmava que “a mulher é um homem imperfeito” (JENAINATI, 2020, P.7). Michelle Perrot (2019), ao analisar o sexo em sua história das mulheres, constatou que:

De Aristóteles a Freud, o sexo feminino é visto como uma carência, um defeito, uma fraqueza da natureza. Para Aristóteles, a mulher é um homem mal-acabado, um ser incompleto, uma forma malcozida. Freud faz da ‘inveja do pênis’ o núcleo obsedante da sexualidade feminina. A mulher é um ser em

concauidade, esburacado, marcado para possessão, para a passividade. Por sua anatomia. Mas também por sua biologia. [...] Inferior, a mulher o é, de início, por causa do seu sexo, de sua genitália. (P.63).

Freud (2014) criou o conceito da “inveja do pênis”, ele enxergava o pênis como superior e o reconhecia como o único órgão genital, sendo a menina desprovida de órgão sexual visível. Na sua visão, a menina se sentia inferior por não possuir tal órgão, despertando a inveja e o desejo de tê-lo.

Perrot (2019), ao tratar da história das mulheres, destaca o pensamento de Aristóteles sobre as mulheres:

São uma ameaça potencial para a vida harmoniosa da coletividade. Como mantê-las afastadas? As mulheres não são apenas diferentes: modelagem inacabada, homem incompleto, falta-lhes alguma coisa, são defeituosas. A frieza da mulher se opõe ao calor do homem. Ela é noturna, ele é solar. Ela é passiva e ele, ativo. O homem é criador, por seu sobro, o *penuma*, e por sua semente. Na geração, a mulher não passa de um vaso do qual se pode esperar apenas que seja um bom receptáculo (PERROT, 2019, p.23).

Diante desse quadro de inferioridade do sexo feminino, o nascimento da menina sempre foi menos desejado, sendo um desejo de todos que o bebê gerado seja do sexo masculino. Sendo assim, “o infanticídio das meninas é uma prática muito antiga, que perdura maciçamente na Índia e principalmente na China, por causa da limitação a um único filho” (PERROT, 2020, P.42).

Podemos, então, destacar que as atividades que muitas mulheres desenvolvem hoje nem sempre foram abertas para o gênero feminino, como sair de casa, estudar, trabalhar, viajar desacompanhada de um homem, entre outras. Essas conquistas foram frutos de muitas lutas em busca da liberdade feminina, como resultados de estudos feministas sobre gênero, que emergiram por volta de 1960/1970, em busca de desconstruir a ideia do feminino e dos lugares sociais desprivilegiados que eram atribuídos à mulher (NICHOLSON, 2000).

A educação da menina sempre foi diferente da do menino, “elas passam mais tempo dentro de casa, são mais vigiadas que seus irmãos, e quando se agitam muito são chamadas de ‘endiabradas’” (PERROT, 2020, p.43). A categorização da mulher e a atribuição de papéis desprivilegiados são nítidas em diversos discursos, os quais fazem parte da educação feminina e interferem no seu processo de subjetivação, como diz Sônia Queiroz (1980), em seu poema “Das irmãs”:

Os meus irmãos sujando-se

na lama
e eis-me aqui cercada
de alvura e enxovais
eles se provocando e provando
do fogo
e eu aqui fechada
provendo a comida
eles se lambuzando e arrotando
na mesa
e eu a temperada
servindo, contida
os meus irmãos jogando-se
na cama
e eis-me afiançada
por dote e marido

Esse poema materializa uma discursividade acerca da educação destinada à mulher, a qual é reprimida, contida, mantendo-se presa à ideia de casamento e aos afazeres domésticos, enquanto os meninos crescem livres e soltos, o que contribui para sua autonomia e afirmação como sujeito. Rousseau já dizia que “as meninas devem ser refreadas desde cedo” (PERROT, 2019, P.42).

Nota-se, na voz do eu lírico, a insatisfação com essas atribuições que lhe são dadas, mas, ao mesmo tempo, uma aceitação do seu lugar de mulher dado socialmente. Assim, a menina cresce com a ideia fixa de um casamento futuro, sendo esse o seu destino, ao qual ela se encontra presa. “As jovens solteiras são vítimas de diversos males: a melancolia, a anorexia [...], que traduz mal-estar, obsessão pela magreza, mas também recusa da única opção colocada à sua frente, o casamento” (PERROT, 2020, P.46). Já os meninos não se prendem a essa ideia, o que pode ocasionar, em uma fase mais avançada, uma ausência de sintonia entre os ideais de ambos os gêneros, colocando a mulher na posição de agir para conquistar um homem a fim de ter, com ele, um relacionamento duradouro.

A respeito dessa educação, Beauvoir ressalta que:

Ao contrário, na mulher há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e seu "ser-outro"; ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; se a encorajassem a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino (BEAUVOIR, 1960, p.22).

Nesse sentido, a educação dada à mulher é voltada para agradar ao outro, fazendo-se objeto, ou seja, anulando a sua própria existência, a sua autonomia enquanto sujeito, ratificando o sentimento de inferioridade, o que a faz aceitar uma posição subalterna. A ela não lhe cabe a liberdade, ela não tem opções a não ser viver para servir. Assim, o homem ganha inúmeras vantagens, pois a sua autonomia e supremacia são elevadas a todo instante em uma cultura que lhe favorece e lhe propõe mulheres como objetos de subserviência.

Em uma cultura que categoriza as pessoas em homens e mulheres, as performances e emoções femininas são ensinadas, segundo Lauretis (1994), por meio das tecnologias de gênero. Hoje, a principal forma dessas tecnologias são as mídias. Dessa forma, podemos notar que os lugares desprivilegiados da mulher são vistos em letras de música, em filmes, novelas, vídeos que circulam nas redes sociais, entre outras mídias. Assim, a supremacia masculina é afirmada por homens e reafirmada por mulheres, que, na maioria das vezes, aceitam esses lugares e supervalorizam o sexo oposto. Todo esse funcionamento é materializado em discurso e difundido socialmente.

De acordo com Butler (2019), o exercício de vida do homem e da mulher é prescrito, determinando e regulando o modo de agir e de entender a si mesmo, ditando a verdade de seu corpo e de seu sexo e, assim, determinando seus deveres como tal. Dessa forma, há uma discursividade que regula os corpos e os subordina. Assim, o corpo não é apenas o que é, mas é governado por uma forma de poder que determina sua matéria. Com isso, as normas ditam o que é ser mulher e o que é ser homem, determinando os papéis de cada gênero e o ideal sobre sexo, e esse ideal se materializa por práticas regulares, as quais são difundidas discursivamente.

[...] a matriz das relações de gênero é anterior ao surgimento do “humano”. Consideremos o caso da interpelação médica que (apesar de o surgimento da ultrassonografia ser recente) desloca uma criança de “bebê” para “menina” ou para “menino” e, nessa nomeação, a menina é “feminilizada” por essa denominação que a introduz, no terreno da linguagem e do parentesco por meio da interpelação de gênero. Mas essa “feminilização” da menina não termina aí; pelo contrário, essa interpelação fundacional é reiterada por várias autoridades e ao longo de vários intervalos de tempo que reforçam ou contestam esse efeito naturalizado. A denominação é ao mesmo tempo um modo de configurar um limite e também de inculcar repetidamente uma norma (BUTLER, 2019. P.25).

A partir do momento em que o bebê é classificado como menina, já se observa uma série de determinações inerentes ao gênero: as roupas, as cores, os adereços, a arrumação do quarto da criança, tudo isso é organizado de acordo com essa

classificação, obedecendo a uma série de normas que são ratificadas ao longo da vida do indivíduo, as quais estabelecem práticas que vão formando o sujeito. A menina encontra, na sua infância, os brinquedos, como bonecas, fogões, geladeiras, vassouras, entre outros, e brincadeiras que são típicas do seu gênero, como cuidar de um bebê e de uma casa, e que já a conduzem para as suas futuras práticas: casar e cuidar de um lar. Além disso, o tratamento direcionado a crianças de diferentes sexos é distinto, a menina é sempre criada de forma mais retraída e mais sensível. O sexo, então, funciona como norma e “é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa” (BUTLER, 2019, P.15). Assim, desde o seu nascimento, a criança é vista como pertencente a um gênero, o qual irá determinar as suas práticas e os papéis que irá assumir. E para a mulher, esse papel é determinado de acordo com a sua inferioridade. Toda essa normatividade que determina o que é ser mulher é nitidamente visível no discurso.

Quando falamos em análise discursiva no campo dos estudos discursivos foucaultianos, pensamos no discurso como um conjunto de enunciados, os quais, para Foucault (2008), não são uma frase ou uma fala, pois não se restringem ao campo linguístico. O enunciado é, então, uma função de existência que atravessa, verticalmente, uma série de signos estabelecendo uma relação com uma formação discursiva, ou seja, com a regularidade de enunciados dispersos ao longo da história. Ele vai dar margem à existência ou não de sentido a uma proposição. É o enunciado que vai permitir a formação de um dizer, por exemplo, de um dizer sobre a mulher. O que é dito sobre a mulher só faz sentido porque existe um enunciado que dê condição para que tal afirmação exista. Ele diz se um ato de fala é coerente ou não com um dado saber, se podem ser considerados corretos ou não.

Para Foucault (2008), o discurso é um conjunto de enunciados sobre um dado objeto, e estes são acontecimentos:

Por mais banal que seja, por menos importante que o imaginemos em suas consequências, por mais facilmente esquecido que possa ser após sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao

mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (FOUCAULT, 2008, p.31-32).

Nesse sentido, um enunciado sobre a mulher é um acontecimento histórico, único, que pode parecer esquecido, mas ficará no campo da memória ou em qualquer forma de registro e poderá, a qualquer momento, ser repetido, reativado em uma nova relação. Assim, por mais que pareça irrelevante o que se enuncia sobre a mulher, o enunciado jamais será apagado. O que se buscou, nessa pesquisa, foi mostrar como enunciados sobre a mulher são arquivados e se repetem, se inserindo em novas relações que ditam uma subjetividade para a mulher de hoje, determinando o seu comportamento na sociedade.

Sobre a subjetividade, Revel (2005) afirma: “trata-se, portanto, de pensar o sujeito como um objeto historicamente constituído sobre a base de determinações que lhe são exteriores”. A partir desse conceito, pode-se notar que o sujeito vai se constituindo por meio de forças externas, como o discurso, que dita o que ele pode ou não fazer. Com isso, ele não tem propriedade sobre si, sobre os seus pensamentos, desejos, suas ações, pois todo esse conjunto se constitui na relação com a família, a escola, a sociedade, os lugares que frequentou, as pessoas com quem se relacionou, os livros que leu, tudo isso contribui para a sua formação.

Em *O sujeito e o poder* (FOUCAULT, 2010), Foucault apresenta dois significados para sujeito: o que está sujeito ao outro através das relações de controle e de dependência; e outro ligado a sua própria identidade através da consciência. Ambos apontam para um poder que subjuga. É neste quadro teórico que o sujeito passa a ser compreendido, não deixando de destacar o sujeito clivado, atravessado por linhas de força, que em determinado momento encontra-se em constante luta contra as práticas de exploração e docilização. Em *Vigiar e punir*, Foucault (1977) apresenta a noção de corpos dóceis, disciplinados, submetidos a procedimentos de vigilância, de individualização e seriação, partindo da organização militar.

Nesse viés, o discurso sobre a mulher vai constituindo-a como um sujeito do sexo feminino, ditando-lhe os seus papéis sociais. Assim, o sujeito não é dado em sua individualidade, como um ser originário, ele se constitui num processo, em movimento pelos diversos lugares e em relação com outros sujeitos, havendo uma sujeição ao poder e seus modos de controle. Mas não se pode deixar de considerar o que Araújo (2008) destaca sobre as práticas subjetivantes. A autora ressalta que há aquelas nas quais os

sujeitos pensam-se enquanto sujeitos. E é neste limiar de práticas que este trabalho estará ancorado.

Tendo em vista o lugar da mulher antes e após os estudos que suscitaram movimentos feministas (1960/1970), questiona-se: Quem é a mulher de hoje? O que busca essa mulher? Que práticas a subjetivam?

Os vídeos publicados no Canal Mulher Magnética no *YouTube* são direcionados para a mulher de hoje, aquela que é “empoderada”, que tem maior liberdade e não depende de um homem. Esses vídeos são, também, espaços de constituição de subjetividades. Neles, encontramos um discurso sobre a “mulher magnética”, ou seja, aquela que é capaz de atrair tudo o que deseja para a sua vida. Porém, percebe-se que esse “tudo” está relacionado, precipuamente, à conquista de um homem, e assim vai-se determinando o que ela deve fazer e o que ela não pode fazer para conquistá-lo e manter com ele um relacionamento duradouro. Assim, ocorre uma interdição do comportamento dela e a formação de uma subjetividade, por meio de um discurso de saber que expõe o verdadeiro e o falso, a razão e a desrazão sobre o ser mulher.

A protagonista do site (Vanessa de Oliveira) aparece como uma pessoa que detém um saber e, a partir disso, tem o poder de expor o que é verdadeiro ou falso, o que é correto ou não. O que dá legitimidade ao seu discurso é justamente a posição de sujeito que ela ocupa. Nesse sentido, cabe analisar o que Foucault (2008) questiona, em *Arqueologia do Saber*, como modalidades enunciativas: Quem fala? De onde fala? Para quem fala? No caso em análise, o sujeito discursivo é uma mulher de 45 anos, ex-prostituta, escritora, *coach* de relacionamento, psicanalista e sexóloga. Em sua trajetória como prostituta, ela conta que já teve relações sexuais com mais de cinco mil homens e, com isso, obteve muita experiência acerca de como eles pensam e agem, possibilitando-lhe a detenção de um saber, e ressalta ainda que “nenhuma outra *expert* no assunto ou cientista do comportamento humano passou pela experiência prática de se relacionar com tantos homens, o que me deu a oportunidade de conhecê-los como ninguém”⁷.

Nota-se, então, que o discurso em análise é atravessado por saberes. Nesse sentido, Foucault (2008) propõe que:

Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico. [...] Um saber é, também, o

⁷ OLIVEIRA, Vanessa. Mulher magnética com Vanessa de Oliveira. Disponível em: www.mulhermagnetica.com.br/vanessa/. Acesso em: 19 jul. 2018.

espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso (FOUCAULT, 2008, p.204).

Sendo assim, a *youtuber* ocupa uma posição em relação aos homens, o que lhe possibilitou obter um saber, podendo equiparar-se ao saber científico, aquele que é validado e reconhecido e que ocupa uma posição de status na sociedade, obtendo uma legitimidade discursiva. Junto a isso, há a sua formação como sexóloga, a qual tem valor científico, juntamente à formação como *coach* e psicanalista. Todo esse conjunto coloca Vanessa em uma posição que dá validade e reconhecimento ao seu discurso, legitimando-o.

Verifica-se, então, um discurso fundamentado em um saber legitimado tanto pela experiência quanto pelo conhecimento científico, uma vez que se mostra como psicanalista, sexóloga, ex-prostituta, *coach* de relacionamentos, além de possuir experiência, ocupando uma posição privilegiada em relação ao gênero masculino, a qual lhe permitiu obter um saber. Ela direciona o seu discurso para um público de mulheres, muitas delas independentes, mas infelizes no quesito relacionamento, uma vez que sofrem por terem experiências amorosas malsucedidas e por “não saberem agir” no processo de conquista, o que já é um saber/uma verdade que circula, reforçando uma discursividade acerca do ser mulher e aliando a tradição de mantê-la como parceira do homem à posição da mulher moderna, independente. Questiona-se, então, quais as “superfícies de inscrição” e condições de possibilidade que permitiram a propagação desse discurso sobre a mulher nos dias de hoje.

Em um de seus vídeos, intitulado como “Curso Mulher Magnética – 30 dias para transformar sua vida”⁸, Vanessa divulga um curso direcionado para as mulheres, o qual é capaz de torná-las “magnéticas”. Este é uma “aula grátis” na qual ela expõe que é “um curso que faz de você uma mulher poderosa, uma mulher magnética, com poder de atrair pra sua vida tudo aquilo que você deseja, que você merece”. O curso divulgado neste vídeo é pago e tem a duração de 30 dias, em que a mulher vai estudar vários módulos, assistir a videoaulas, participar de fóruns, relatar as suas experiências amorosas para obter um direcionamento da *coach*, todo esse trabalho é realizado tendo como foco mudanças no comportamento feminino para o seu empoderamento e a conquista de um relacionamento amoroso heteroafetivo. Vale destacar que é um curso

⁸ OLIVEIRA, Vanessa. **Curso Mulher Magnética: 30 Dias Para Transformar A Sua Vida (PLUS+)**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=JOPGR64Jtt8. Acesso em: 19 jul. 2018.

pago, o qual custa, em um valor promocional que inclui 70% de desconto, 12 parcelas de R\$ 38,68 (valor atualizado em jun. de 2020), só podendo, assim, ser realizado por mulheres que possuem condições econômicas para pagar, provavelmente aquelas que possuem independência financeira ou que, de alguma forma, conseguirão financiar esses estudos. Considerando que o foco do curso é a busca do poder feminino e a conquista de um homem, pressupõe-se que há a defesa de que o relacionamento amoroso seja tudo aquilo que a mulher deseja, colocando esse desejo como centro da sua vida. Vejamos um fragmento desse vídeo:

E nesse curso “Mulher Magnética: 30 dias para transformar sua vida, eu reuni nele todo o conhecimento da experiência que tive ao longo desses 43 anos que fizesses com que eu fosse uma mulher que me amasse, que me aceitasse, que tivesse uma mente *light*, que soubesse lidar com os homens, que entendesse eles, que os conquistasse, que os reconquistasse, que fosse muito bem resolvida na cama, e amiga, eu estou disposta a ensinar a você exatamente qual é esse processo e qual foi o passo a passo que eu usei para transformar a minha vida. Se serviu pra mim, amiga linda, vai servir pra você também. [...] te ensino a se transformar em uma mulher poderosa pra quem os homens batem palmas e pedem pra que ela se relacione com ele [...] não é uma questão de milagre, é uma questão de conhecimento unido com a atitude que você vai passar a ter.

Fazendo uma leitura desse fragmento, percebe-se a manutenção de um discurso que valida o comportamento historicamente dado à mulher, por meio do ensino das atitudes que ela terá de praticar para saber lidar com os homens, conquistar e reconquistá-los, em um discurso que carrega consigo a “verdade”, pois já foi testado e validado pela *coach*. Aqui, o enunciado, aparentemente novo, é algo repetido, visto que propõe a aprendizagem de um comportamento que vai agradar ao homem. Ela afirma, nesse mesmo vídeo, que basta a mulher passar por um processo transformador para que seja bem resolvida, tenha uma autoestima elevada e faça com que os homens queiram se relacionar com ela, colocando-a como um objeto a ser escolhido por ele. Para Foucault (2008), não existe enunciado neutro ou que desconsidera a existência de outros. Assim, a *coach* de relacionamento, a “empresária de si”, como Rago (2017) destaca, apropriase da ideia de que a mulher não sabe lidar com os homens nem entendê-los, como também não possui “uma mente *light*”, ou seja, não é equilibrada e, por isso, não consegue conquistar aquilo que ela quer, a transformação da vida dela para a conquista de um homem.

Acrescenta-se, ainda, que a expressão “mente *light*” pressupõe que, para lidar com os homens, é necessário ser tranquila, o que aparentemente não é típico da mulher, devendo, então, ser ensinado em um curso específico.

Um outro enunciado também presente é o de que a mulher não é bem resolvida na cama e que isso precisa ser aprendido para se ter êxito na arte da conquista. Podemos notar, aqui, a relação desse discurso com outros que circularam em épocas passadas, a exemplo do Kama Sutra, manuscrito de cunho erótico que fazia parte da literatura religiosa da Índia, traduzido em vários idiomas, o qual deve ser perseguido por aquele que deseja viver da maneira correta. Tal manual prescrevia condutas para fase da conquista e do relacionamento, ditando a posição dos corpos no ato sexual.

Destaca-se, também, a ideia de mulher poderosa, aquela para a qual “os homens batem palmas e pedem pra que ela se relacione com ele”, enfatizando o peso de um relacionamento heteroafetivo na vida de uma mulher, a ponto de fazê-la tomar um curso para aprender a saber lidar com o homem, conquistá-lo, entendê-lo, ou seja, transformar a vida dela, e tudo isso não se trata de um “milagre”. O uso do termo “milagre” nos faz perceber que pedir a uma mulher para se relacionar não é uma atitude comum aos homens, mas é um desejo das mulheres que isso aconteça e, para que aconteça, ela precisa ter um certo comportamento, ter uma determinada atitude. Notamos, então, a responsabilidade da mulher nessa conquista, o que pode ser visto como uma reatualização de discursos que colocam a mulher em uma posição ativa nesse tipo de relacionamento, que, inclusive, pode ser considerada culpada pelas possíveis falhas que houver ou até mesmo pelo comportamento do homem, visto que ela é quem não sabe entendê-lo. A ideia de a mulher solteira não ser bem vista é reforçada no discurso sobre a mulher magnética, que coloca o ser feminino na posição de busca do que, por muito tempo na história da mulher, foi “a única opção colocada à sua frente, o casamento” (PERROT, 2019, P.46).

Cabe ressaltar que a transformação é necessária para que ela conquiste o homem, ou seja, a mulher precisa passar por esse processo de subjetivação para conquistar um companheiro, isto é, fazer um curso, o que nos lembra de muitas orientações publicadas em revistas femininas que determinavam certos comportamentos para agradar ao homem.

É válido ressaltar que, no site mulhermagnetica.com.br, há referência ao curso como “Escola da Mulher Magnética”⁹. O termo “escola” nos remete à ideia de um espaço de dissipação de saberes, em que o aluno, tradicionalmente, se coloca no lugar de aprender, obter saberes que lhe serão úteis para a sua vida, tanto no campo pessoal quanto profissional, e prepara para o convívio em sociedade. Então, o curso ofertado é, segundo a *coach* responsável, uma forma de educar as mulheres para um relacionamento com o homem.

É interessante destacarmos que, como já observado, Vanessa trata de um relacionamento heteroafetivo e se dirige à mulher, partindo do pressuposto de que existem regras gerais que servem para nortear as relações amorosas, porém essas regras funcionam para um certo padrão: mulher branca e de classe social média a alta. Assim, ela desconsidera a heterogeneidade desse grupo, visto que não contempla a mulher negra, homossexual e/ou pobre. A mulher magnética é heterossexual e deve preencher alguns pré-requisitos que a possibilitem ser magnética: pagar por um curso, ser independente do homem no aspecto financeiro, ter condições de investir no visual (modo de vestir), entre outros. Assim, nota-se que a mulher pobre já encontra algumas dificuldades para tornar-se magnética. Ademais, ao se referir à mulher, ditando o lugar que ela ocupa (de mulher passiva e escolhida pelo homem) e fazendo um convite para sair desse lugar, tornar-se protagonista, fica evidente que ela se refere à mulher branca, visto que essa era a escolhida pelo homem, a que tinha a sexualidade controlada e a educação refreada, voltada para o casamento.

Esse direcionamento à mulher branca, que possui uma razoável classe social, reforça a visão dessa mulher e da negra e pobre, que se observa desde o período colonial. A sexualidade da mulher branca era negada e controlada, sendo vigiada pela Igreja, pela família, por toda a sociedade, devendo casar-se virgem, visto que a virgindade possuía alto valor. “Ela também carregava o peso do pecado original e por isso, sobretudo sua sexualidade, devia ser vigiada muito de perto” (ARAÚJO, 2018, p.48). Por outro lado, aquelas que faziam parte das classes mais populares trabalhavam cedo (por volta de 1914, tempo em que o trabalho doméstico é o principal setor de emprego para as mulheres), comumente em serviços domésticos, que envolviam também a servidão corporal (PERROT, 2019, P.46). Não somente o seu tempo e a sua força de trabalho eram explorados, mas também o seu corpo. “São presas fáceis, em

⁹ OLIVEIRA, Vanessa. **Mulher magnética com Vanessa de Oliveira**. Disponível em: <https://mulhermagnetica.com.br/escola-da-mulher-magnetica/>. Acesso em: 28 mai. 2020.

casa ou fora dela, facilmente seduzidas pelo filho dos patrões ou por um sedutor bem falante que conheceu no baile de sábado à noite, que as deixa de “buxo cheio” (PERROT, 2019, P.117). Quando acontecia de engravidarem, eram mandadas embora. Seja na fazenda ou nos meios burgueses, a busca pela criada para satisfazer ao desejo viril masculino era uma prática comum. A força de trabalho da mulher comportava a ideia de engajamento físico. “Como se uma mulher não pudesse vender somente a sua força de trabalho, condenada ao uso e sem a facilidade de alcançar a relativa liberdade de troca (PERROT, 2005, P.448). Essa era a dificuldade que as moças encontravam para ter direito a um salário, a qual persistiu no interior das fábricas (ao trabalhar como operárias). Enquanto isso, a jovem burguesa recebia uma criação voltada para o casamento, o que envolvia o controle da sua sexualidade, que deveria ser resguardada.

A mulher negra ainda sofre com o racismo herdado da colonização do Brasil, período em que era equiparada à prostituta. Recebiam convites diretos para fornicar, independentemente de serem escravas ou não. Eram vistas como fáceis, os homens não precisavam cortejá-las nem galanteá-las. Esta era inferiorizada por ser feminina e por sua raça, eram desprezadas e exploradas.

Com isso, observa-se que esse discurso sobre a mulher de hoje, entre elas a mulher magnética, o qual reatualiza discursos passados sobre a mulher, ainda exclui uma parcela do grupo feminino, deixando de fora a mulher pobre e negra, como também aquelas que escolhem não se relacionar com homens, o que nos leva a pensar que estas não podem se tornar “poderosas”, ou seja, magnéticas. Assim, observa-se que a magnética ocupa o espaço destinado à mulher branca, herdado de séculos passados.

No vídeo de título “Erros que afastam o homem e o que fazer para atrair ele até você”¹⁰, a *coach* diz:

Te ensinaram, né, muitas vezes, que você só pode ser feliz se um homem bom te escolher, nananinanão, essa crença será seu passado. Te ensinaram muitas vezes que se o relacionamento está errado, é porque a culpa é sua, você não fez o suficiente, ou você não é o suficiente, nanananã, essa crença está errada. Te ensinaram que você deve brigar por um homem se quiser ter um, ou que você é emocionalmente fraca, indefesa, que a sua vida não está completamente nas tuas mãos e sim do destino. Chega de você pensar dessa forma, você tem poder pra ser quem você quiser, pra dar a direção dos relacionamentos e pra escrever a tua própria história de vida (OLIVEIRA, 2019).

¹⁰ OLIVEIRA, Vanessa. **Erros que afastam o homem e o que fazer para atrair ele para você**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnHhGHHNls0>. Acesso em: 28 jul. 2019.

A “professora” resgata o discurso de que a mulher é a escolhida, de que ela é responsável pelo que acontece de errado no relacionamento, de sexo frágil, na tentativa de desconstruí-lo, negando essas ideias a fim de mostrar que o caminho é outro e para colocá-la como um ser ativo, em vez de passivo. No entanto, não podemos deixar de ressaltar que o foco da conversa é o homem e o que a mulher aprendeu sobre ele. Além disso, questiona-se até que ponto ela pode ser considerada um ser ativo, visto que está aprendendo técnicas de atrair e agradar ao homem, adequando-se a um comportamento padronizado para levá-la ao sucesso do relacionamento.

Em um vídeo cujo título é “Faça isso e ele irá se apaixonar por você!”¹¹, torna-se ainda mais evidente esses ensinamentos voltados para a conquista do homem:

Lindona, você já pensou que existe sim um passo a passo programado e algo lá muito especial que você vai lá e faz e o homem cai de quatro por você? É, amiga linda, acerta logo o coração desse homem, faça a coisa certa. Quando você conhecer esse homem, existe um comportamento que você deve ter, no outro dia existe uma frase que você deve dizer e, posteriormente, uma sequência padrão, um roteiro criado, amiga linda, e testado por mim que faz com que o homem se apaixone por você. [...] Esse roteiro vai mexer com o cérebro reptiliano dele e vai fazer com que ele faça coisas que ele nem imaginou que ele um dia faria. (OLIVEIRA, 2018)

Nesse vídeo, fica clara a interdição do comportamento da mulher, ditando um “passo a passo programado”, que prevê o modo de agir e o que será dito, tudo programado em um roteiro, por meio do qual a mulher vai se subjetivando. Todos os passos são ensinados no “Curso Mulher Magnética”, e para aprendê-los, a mulher deve estudá-los, requerendo dedicação e tempo, o que só é destinado a algo que se deseja muito, nesse caso, a conquista do homem.

Fica evidente que a mulher deve passar a ter atitudes que irão possibilitar a conquista do “seu desejo”, contribuindo, assim, para a constituição do sujeito. Então esse discurso propõe a libertação de uma subjetividade feminina, ao passo que cria outra subjetividade para a mulher de hoje.

Essa constituição do sujeito é alvo do estudo de Foucault, que analisa três modos de objetivação os quais transformam o indivíduo em sujeito. Um deles são as práticas divisoras, em que “o sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros” (FOUCAULT, 1982). Ele cita como exemplo, em sua análise, a divisão do sujeito em “o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os ‘bons meninos’”. Podemos acrescentar, nessa análise, a divisão do ser humano entre homem e mulher. Essa divisão

¹¹ Id. **Faça isso e ele irá se apaixonar por você.** 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qkZJdnJ5tsI>. Acesso em: 21 fev. 2018.

propõe uma diferenciação do ser humano de acordo com o sexo, constituindo diferentes subjetividades para ambos os gêneros. E mais: podemos acrescentar a subdivisão da mulher em “mulher comum”, aquela que não obtém o sucesso nos seus relacionamentos heteroafetivos, e “mulher magnética”, aquela que tem o poder de atrair o homem que quiser para um relacionamento bem-sucedido, divisão esta produzida no interior do discurso sobre a mulher magnética.

Para estudar essa objetivação do sujeito, Foucault analisa a forma de poder que atua nesse processo.

Essa forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata, que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm de reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. (FOUCAULT, 1982, p. 278)

Nota-se, no discurso sobre a mulher magnética, uma categorização do sujeito mulher, que classifica a mulher como poderosa, impondo-lhe uma verdade, ou seja, a mulher tem que entender o homem, ter a atitude certa, saber conquistá-lo, essa deve ser a postura dela. E esse discurso é acatado pelas mulheres, as quais se adequam a essa subjetividade, tomando-a como uma “lei de verdade” e, assim, vão se constituindo como sujeitos.

Para analisar a prática divisora proposta por Foucault, a qual, no caso em discussão, divide o ser humano em homem e mulher, e a mulher em “comum” ou “magnética”, podemos partir para uma análise das diferenças entre os gêneros. Nesse sentido, cabe retomarmos Beauvoir (1960, p.8), a qual afirma que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade”. Observa-se que há um encontro da análise de Foucault com a de Beauvoir, pois ambos concordam que o sujeito mulher é algo construído discursiva e socialmente. Nota-se, então, que é o olhar do outro, ou seja, do homem para a mulher que a torna mulher, não existem diferenças que irão lhe colocar nessa posição social. Nessa perspectiva, ratifica-se que o que permite a diferença entre homens e mulheres, destacando-se, por exemplo, o sentido de associar a felicidade desta a um relacionamento, são os papéis sociais, que, historicamente, colocam a mulher em um lugar de dependência do sexo oposto, assujeitando-a, interferindo no seu processo de objetivação, uma vez que não há outros fatores que definem a mulher como mulher. A autora diz, ainda, que “somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*.” Sendo assim, o

assujeitamento do ser feminino, ou seja, a constituição do sujeito através das práticas ou técnicas de sujeição, ocorre desde os primeiros anos de vida da menina, não é um traço biológico; são seus educadores e o discurso da sociedade que controlam o seu destino.

Ou seja, a aceitação da mulher de que ela é responsável por entender o homem e saber conquistá-lo, de precisar fazer um curso para se transformar e conseguir um relacionamento só é possível, primeiramente, por toda a sua trajetória educativa, que se dá baseada em determinadas regras de conduta pré-estabelecidas, que a reprime, a impede de ousar afirmar-se como um ser em igualdade com os homens e que vai constituindo-a como sujeito mulher.

Sendo assim, a mulher vai se subjetivando, mecanismo reconhecido por Foucault (2010) (assim como a objetivação) como processo de constituição do sujeito, em que o indivíduo toma uma identidade estabelecida socialmente como sua, a qual é dada por meio das relações de poder, tornando-se um composto histórico, um produto das relações de poder. A objetivação e a subjetivação são processos que se complementam na constituição do sujeito, os quais se relacionam por meio dos jogos de verdade, ou seja, por meio das regras que tornam o que é dito verdadeiro ou falso.

Observa-se, então, que as diferenças estabelecidas entre os gêneros são da ordem dos discursos e constituídas ao longo da história, o discurso é construído historicamente e atravessado por outros que circularam em diferentes temporalidades constituindo subjetividades, mostrando-se como uma reatualização de discursos passados. O ideal sobre a mulher é constituído por meio de normas que regulam certas práticas, criando uma verdade sobre o sujeito mulher, e o discurso que conceitualiza a mulher magnética reforça essas normas, está atravessado por elas, determinando o ideal da mulher atual.

2.3 O CURSO MULHER MAGNÉTICA: ESPAÇO DE INSURREIÇÃO E DE SUJEIÇÃO

Os vídeos da *coach* Vanessa de Oliveira, os quais se encontram disponíveis, no *YouTube*, direcionados ao público feminino, buscam “empoderar” as mulheres modernas, elevando a sua autoestima e incentivando a independência do sexo feminino, como também buscam ajudá-las a manter um relacionamento amoroso heteroafetivo, direcionando-lhes por caminhos que as levem a uma relação bem-sucedida, orientando como elas devem agir para conquistar um homem. Ou seja, persistem regimes de governamentalidade da mulher na sociedade que a colocam sempre num papel de

esposa, companheira e que se cumprem no casamento, ideias herdadas da antiguidade clássica, em que, por meio de uma ética do casamento, os papéis do homem e da mulher eram bem definidos em um contrato de casamento, o qual, no século III a.c., por exemplo, determinava que a mulher deveria obedecer ao marido, sair de casa apenas com a sua autorização, cuidar da casa e não ter relações sexuais com outro homem, o que era diferente para o homem, o qual teria de sustentar a mulher, não maltratá-la e não ter filhos fora do casamento, ou seja, não havia proibição de relações sexuais extraconjugais para ele. Tais contratos foram se modificando mais a frente, mas as principais mudanças estavam relacionadas ao papel do homem, definindo bem que este não deveria ter relações permanentes com uma amante ou um rapaz, mas poderia ter relações sexuais passageiras, ao passo que, para a mulher, essa prática era totalmente proibida (FOUCAULT, 2016). Nota-se, desde então, a sujeição da mulher, que, no casamento, submetia-se à figura do homem, o seu marido. Não tem como pensar a mulher fora desta relação com o homem. Esta é a parte da sujeição da mulher na história.

Para reafirmar essa história de sujeição, tem-se, nesses espaços virtuais, inúmeros vídeos disponíveis com dicas de como a mulher deve agir no processo de conquista, e é ofertado um curso composto de módulos, videoaulas e fóruns para discussão a respeito do seu comportamento. Ela, apesar de ter várias mudanças a seu favor, ainda se encontra presa à satisfação do homem, ideia presente em discursos que circularam em uma temporalidade passada e que ainda ressoam em nosso domínio de atualidade, para que ele decida se quer um relacionamento com ela ou não, o que a coloca em uma posição de fazer aquilo que possa agradá-lo, porém de uma forma distinta ou pelo menos reinventada visto que se prega a ideia de alcance da sua felicidade e de seu empoderamento. "Quero empoderar a mulher para ser dona do próprio dinheiro. O homem não será a solução para os problemas", é o que afirma a *coach* de relacionamento Vanessa Oliveira em uma entrevista realizada pelo portal de notícias R7¹².

Vanessa, hoje *coach* de relacionamentos, no passado, foi prostituta, deixando de atuar na área para oferecer cursos direcionados a mulheres para alcançarem

¹² RIBEIRO, Joyce. **Fé, casamento e dinheiro são razões para prostitutas deixarem profissão**. R7, São Paulo, 13 fev. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/fe-casamento-e-dinheiro-sao-raoes-para-prostitutas-deixarem-profissao-13022020>. Acesso em: 05 jun. 2020.

empoderamento e a conquista do relacionamento, como vemos em uma reportagem no R7¹²:

Vanessa decidiu deixar de ser prostituta em 2015 quando concluiu que os trabalhos com marketing online começaram a dar mais dinheiro do que os programas. Ela garante que toda a vivência foi transformada em aprendizado. Os temas viraram 15 cursos online, livros (o mais novo 'Xeque-mate: a virada da rainha' será lançado em breve em Las Vegas - EUA) e palestras. "Hoje tenho 3.000 alunas online por mês. Quero empoderar essa mulher para ser dona do dinheiro dela, assim ela pode escolher o relacionamento que quer ter. Ela não vai mais olhar o homem como solução para os problemas", explica Vanessa.

Em uma matéria, cujo título é "Ex-prostituta fica milionária aconselhando mulheres", a qual circula em um outro endereço eletrônico¹³, vemos um pouco mais sobre Vanessa:

Para cada lágrima derramada, um diamante". É assim que a ex-prostituta Vanessa Oliveira fez fortuna, deixando os programas de lado e virando uma espécie de guru das mulheres. Prometendo liberdade, independência e empoderamento, ela faz sucesso, dá palestras, entrevistas e vende livros no mundo todo. A gaúcha está inclusive lançando mais um livro, certamente mais um *best seller*. À base do curso "Mulher Magnética", ela promete virar a vida das seguidoras. "Cheguei a fazer 13 programas por dia. Parei de contar nos 5 mil. Eu me fiz grande! Eu superei todas as dificuldades que apareceram na minha vida colocando como meta crescer ainda mais. Usei boa parte do dinheiro que ganhei em programas para estudar, me desenvolver e criar uma estrutura para mim mesma", conta. "Hoje estou à frente da Escola da Mulher Magnética, essa empresa que tem 24 funcionários, mais de 10 treinamentos, já somou mais de 17 mil alunas e vendeu mais de 10 milhões em produtos, porque primeiro eu não tenho medo de vender e segundo eu tenho uma inteligência no uso do dinheiro.

Reforça-se, nesse trecho, a recompensa ao sofrimento. Toda a sujeição a que a mulher se submeteu, no decorrer da história, e ainda se submete, proporciona-lhe sofrimentos que causam revoltas e, na fala de Vanessa, observa-se que há uma recompensa para toda essa revolta e sofrimento vividos, o saber, recuperado pela metáfora do "diamante". Toda a aprendizagem obtida na experiência como prostituta agora pode ser passada para outras mulheres, por meio de uma relação de poder, prometendo "virar a vida das seguidoras" e garantindo a Vanessa um rendimento financeiro. Nota-se, então, que o foco dos cursos é o empoderamento da mulher e a independência do sexo oposto, para que, assim, ela se relacione com o homem, mas não

¹³ **Ex-prostituta fica milionária aconselhando mulheres**. News Makate, Jornal do Povo, 4052 edição digital, 09 mar. 2020. Disponível em: https://issuu.com/makate/docs/2-17_e1316d8c685073. Acesso em: 05 jun. 2020.

dependa mais dele financeiramente, como era regra em tempos passados. Porém, ao analisar o discurso em vídeos que circulam no *YouTube*, os quais divulgam os seus cursos (que são pagos) e dão dicas para as mulheres, o que se percebe é a presença de uma subjetividade feminina que ainda coloca o homem no centro da vida da mulher, ditando um comportamento, um roteiro de conquista.

Diante desse discurso de sujeição da mulher ainda hoje, questiona-se: por que existe, hoje, um curso que se propõe a ensinar a mulher a como se comportar para conquistar um homem? O que torna possível, nesse atual momento histórico, surgir um enunciado que propõe uma libertação da mulher? Por que tantas mulheres querem fazer esse curso, a ponto de tornar a *coach* uma milionária? Qual o princípio, qual a lei desse aparecimento?

Podemos questionar, ainda, se essa mulher é livre para escolher se relacionar ou não e com quem. Que técnicas essa mulher utiliza para se gerenciar? Qual a relação dessa mulher com a verdade, com a lei, com a obrigação e com ela mesma? Por que ela se conduz dessa forma? A mulher se comporta de tal forma para agradar a quem? Quem é a mulher hoje? Foucault (2016) ressalta que “a subjetividade é concebida como o que se constitui e se transforma na relação que ela tem com sua própria verdade. Não há teoria do sujeito independente da relação com a verdade” (p.13). Dessa forma, o que é tido como verdade em uma sociedade servirá como base para a constituição do sujeito.

Para Foucault, o indivíduo se torna sujeito por meio de fatores exteriores a ele, que constroem uma subjetividade. A subjetividade é a constituição do sujeito que se dá por meio de processos, ou melhor, de modos de subjetivação, por meio dos quais o sujeito se constitui, constitui a sua subjetividade.

Os modos por meio dos quais a mulher de hoje se subjetiva encontra suas condições de possibilidade, primordialmente, nas diferenças de gênero que, desde tempos antigos, estiveram presentes na sociedade. Discursos que circularam em outras temporalidades, como os que foram registrados na Bíblia Sagrada (século II d.c.) e em revistas femininas (século XX), demonstram essas diferenças. Podemos citar, também, uma teoria que influencia no atual discurso, a histeria, desenvolvida por Sigmund Freud no século XIX. Então, pode-se afirmar que a constituição da mulher de hoje é perpassada por discursos atuais, relacionados à rotina da mulher moderna, e discursos passados, que constituíram outras subjetividades femininas.

Outro mecanismo que possibilita a insurgência de verdades que constroem essa subjetividade são os dispositivos. Estes são um conjunto de discursos, conjunto de leis,

enunciados científicos, entre outros, e atuam como uma força da qual não se pode escapar, controlando, assim, as ações do sujeito, construindo verdades e constituindo subjetividades, conceito que será aprofundado em seções posteriores desse trabalho.

Diante desses questionamentos, busquei entender o que possibilitou a formação desse discurso, de que forma ele constrói uma subjetividade, quais as formas de poder que estão presentes, de que forma Vanessa se apropria desse discurso e o dissipa para outras mulheres, o que possibilita o alto número de seguidoras e de sujeitos do gênero feminino em busca de um relacionamento heteroafetivo, o que desperta esse desejo de se relacionar.

3 A MULHER, A DOCILIZAÇÃO DOS CORPOS E AS PRÁTICAS DE LIBERDADE

Nesse capítulo, analisaremos a prática de docilização dos corpos, analisada por Foucault, a forma como o corpo da mulher é docilizado, como o discurso sobre a mulher magnética ratifica essa docilização, e como, historicamente, foi constituído um discurso sobre a mulher que visa docilizar o seu corpo, controlá-la. Dessa forma, discutiremos sobre o operador dessa docilização, o dispositivo da sexualidade, o qual mantém uma relação estreita com o discurso e funciona como operador do poder, e como este aparece no discurso em análise e controla o corpo feminino. Veremos, também, como as narrativas da literatura e da mídia criam uma imagem de mulher, construindo um arquivo, tornando claro o seu papel e contribuindo para a docilização dos corpos.

Como já foi mencionado no item anterior, em *Vigiar e punir* (1977), Foucault desenvolve a noção de corpo dócil, sujeitado a exercícios de suplício, punição e disciplina e prisão:

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo - ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam (FOUCAULT, 1977, pag. 125).

O corpo é, então, algo que pode ser controlado, manipulado, treinado para obedecer a determinadas regras padronizadas por meio de relações de poder. Analisando o discurso sobre a mulher magnética, percebemos uma ideia de liberdade da mulher, de independência em relação ao homem, a constituição da subjetividade de uma mulher poderosa, que atrai tudo o que quer para a sua vida. A princípio, parece haver uma ruptura com enunciados passados que criavam subjetividades para a mulher colocando-a em uma posição de sujeição. Todavia, ao propor práticas que determinam comportamentos e criam subjetividade, nota-se que a mulher permanece no campo da obediência a certas regras de conduta, mantendo-se como um corpo docilizado.

Vejamos, então, como esse discurso é atravessado por outros que colocam a mulher em uma posição subalterna. De acordo com Foucault (2008), para se compreender a constituição dos discursos e da formação discursiva presentes em uma sociedade, é fundamental analisar os elementos históricos que a constituem. Assim, os acontecimentos discursivos são acontecimentos marcados pela historicidade; um saber se configura como uma construção histórica e, dessa forma, produz verdades que se instalam e se revelam nas práticas discursivas. Desse modo, cabe analisar quais os acontecimentos históricos que contribuíram para a formação desse discurso e produção de uma verdade sobre a mulher, de modos de subjetivação.

Analisando os acontecimentos histórico-discursivos, destaca-se que o discurso que produz o comportamento da mulher em favorecimento da sociedade patriarcal está imerso na sociedade há séculos e é nitidamente visível em antigos documentos, partindo-se da Bíblia Sagrada, que coloca a mulher como parte do homem, criada a partir da sua costela. Nesse discurso bíblico, que prega a origem do mundo sob uma perspectiva religiosa, o qual foi escrito antes de Cristo e tem grande aceitação, até hoje, em uma sociedade com grande número de cristãos, nota-se a posição de supremacia masculina, visto que foi o homem que veio primeiro e só a partir dele que a mulher foi

criada, para lhe fazer companhia. Cabe destacar, ainda, que, nesse discurso bíblico, o pecado do homem só ocorreu por conta da mulher, ela foi a responsável por ele ter comido do fruto proibido, o que a torna culpada, e, segundo o discurso bíblico, por conta dessa desobediência, é punida e colocada nesse lugar de reverência ao homem, como destaca Araújo (2018): “a mulher estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência” (DEL PRIORI, 2018, P.46). Por conta disso, a mulher deveria ser controlada.

Essa supremacia masculina é destacada em diversas passagens bíblicas, a exemplo do livro de Tito (2:3-5), no qual se diz que as mulheres mais velhas devem aprender a ser reverentes na sua maneira de viver, para que assim possam orientar as “mais jovens a amarem seus maridos e seus filhos, a serem prudentes e puras, a estarem ocupadas em casa, e a serem bondosas e sujeitas a seus próprios maridos”. Podemos citar, ainda, outra passagem:

Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos (Efésios 5:22-33).

Mais uma vez, salientamos a responsabilidade da mulher no relacionamento com o homem e, nesse contexto, deve obedecer, sempre, para que realize bem o seu papel de submissão, mostrando-se como um corpo docilizado, reverente ao que dita o cristianismo.

Cerca de dois mil anos depois, percebemos a reatualização desse discurso em jornais e revistas femininas que circularam entre as décadas de 1950 e 1970, em enunciados do tipo, citados por Holand (2018): “A desordem em um banheiro desperta no marido a vontade de ir tomar banho fora de casa”; “A mulher deve fazer o marido descansar nas horas vagas, servindo-lhe uma cerveja bem gelada. Nada de incomodá-lo com serviços ou notícias domésticas”; “Se o seu marido fuma, não arrume briga pelo simples fato de cair cinzas no tapete. Tenha cinzeiros espalhados por toda casa”; “Se desconfiar da infidelidade do marido, a esposa deve redobrar seu carinho e provas de afeto, sem questioná-lo”; “O noivado longo é um perigo, mas nunca sugira o matrimônio. ELE é quem decide - sempre”; “Sempre que o homem sair com os amigos e voltar tarde da noite, espere-o linda, cheirosa e dócil”. Então, se o marido pensa em

sair de casa, a culpa é da mulher, pois foi ela que deixou o banheiro desorganizado, não cumpriu bem o seu papel, desobedeceu a ordem socialmente estabelecida; as notícias ou serviços domésticos são de sua incumbência, inclusive, se ele suja a casa com cinzas no tapete, a responsabilidade não é dele, mas sim dela, que não espalhou cinzeiros pela casa. Percebe-se, portanto, a presença de práticas discursivas que vão atuando no processo de subjetivação feminina, as chamadas práticas discursivas subjetivantes, controlando o comportamento da mulher, a qual deveria ser submissa, “do lar” e deveria anular o seu próprio desejo em prol do homem, uma vez que é ele quem toma todas as decisões e quem detém o poder pátrio. Notamos, aqui, uma relação com o discurso sobre a mulher magnética, ao propor um roteiro para a mulher seguir e com isso conquistar o homem, ou seja, ela irá se adequar a um padrão para ser escolhida por ele, quem toma a decisão de querer com ela se relacionar.

Nota-se uma semelhança de discursos atuais com esses discursos que circularam em outras temporalidades, nos quais ela é a culpada pelo relacionamento que deu errado, pelo comportamento do homem, inclusive, pelo estupro. Em fatos recentes de estupro, por exemplo, é bastante comum a produção de enunciados que coloquem a mulher como a culpada por esse ato violento. Segundo pesquisa da Datafolha, divulgada em 21 de setembro de 2016, noticiada no portal G1, um em cada 3 brasileiros culpa a mulher pela ocorrência desse crime. Ainda de acordo com a pesquisa, 42% dos homens acreditam que “mulheres que se dão ao respeito não são estupradas” e 32% das mulheres concordam com essa afirmação.

Esse discurso que culpabiliza a mulher, sujeitando-a a um sistema de punições, o qual circula em tempos atuais, revela a responsabilidade dela, a qual não age em conformidade com as subjetividades que lhe são impostas, como também mantém uma relação com os discursos que circularam em temporalidades passadas, inclusive o discurso bíblico de Eva. Se o estupro acontece, certamente ela foi a responsável de estar no lugar errado, com a roupa errada, ou de alguma forma ter provocado esse acontecimento, visto que a sua liberdade é cerceada, isto é, ela não pode andar livremente pelas ruas, com qualquer roupa, sem ser desrespeitada. Sobre isso, Mary Dell Priori explica que “toda mulher em liberdade é um perigo e, ao mesmo tempo, está em perigo, um legitimando o outro. Se algo de mau lhe acontece, ela está recebendo apenas aquilo que merece”. (PERROT, 2005, p. 447). Assim, o corpo da mulher é controlado, e qualquer desvio desse controle justifica atos invasivos que lhe afetem.

Assim, nota-se a noção de corpo dócil desenvolvida por Foucault (2010), o qual surgiu na prisão, onde os corpos eram treinados a serem eficientes e obedientes. Dessa forma, por meio de um conjunto de restrições, o qual não impede as pessoas de fazerem algo, mas as fazem ser/agir de determinadas formas, os corpos se tornam dóceis. Sendo assim, o poder não limita a nossa liberdade, ele age no sentido de fazer nós sermos certos tipos de pessoas, ou seja, treina os nossos corpos para seguirem condutas de comportamentos específicos, limitando, assim, a liberdade do indivíduo. A mulher é, então, o produto de um conjunto de práticas que a moldam, docilizando o seu corpo, fazendo-a, muitas vezes, sentir-se culpada em uma situação de estupro, como discutido. Para Foucault (2010), a liberdade:

É uma questão de experimentação. [...] Viver livremente é experimentar consigo mesmo, nem sempre sabendo se você está se libertando das forças que o têm moldado, nem [...] tendo certeza dos efeitos da própria experimentação (p.109).

Logo, a liberdade é aquilo que podemos fazer de nós mesmos, aquilo que a mulher pode fazer de si mesma, isto é, sair só ou acompanhada, usar qualquer roupa em qualquer situação, sem que isso justifique um ato violento, mas, ainda assim, não tendo a certeza de que realmente está distante das práticas coercitivas. Porém, a mulher experimentar a si, desprendendo-se das restrições que lhes são impostas, é um perigo, como afirma Perrot, pois, assim, o seu corpo, que é dócil, passa a ser desobediente.

Durante muito tempo, não havia leis que tipificassem o estupro como crime, o julgamento em tribunais correcionais ocorriam a título de “agressão com ferimentos” (PERROT, 2019, P.45). Quase sempre, a mulher era considerada complacente, pois não se defendeu, exceto em casos de estupro coletivo, que era suscetível de punição pelos tribunais. Para os medievalistas, este era considerado “uma prática bastante usual dos bandos de jovens, um ritual de virilidade” (PERROT, 2019, P.76). Foi somente em 1976 que a lei qualificou o estupro como crime, de acordo com Perrot (2019).

É importante salientar que esse não é um discurso exclusivamente masculino, visto que as próprias mulheres se apropriam dele e o tomam como uma verdade, pois “a ideologia patriarcal é inscrita na mente das mulheres por meio da educação, da religião e da família, assegurando que internalizem uma noção de inferioridade em relação aos homens” (JENAINATI, 2020, P. 118). Toda essa discussão comprova o atravessamento de discursos passados nos atuais em discussão.

Diante de todos os enunciados que circularam sobre a mulher, o que possibilitou o surgimento de novos enunciados que buscam propor empoderamento e independência da mulher? Quais as condições de possibilidade que permitiram que o discurso sobre a mulher magnética emergisse?

Segundo Veyne (2011 *apud* NAVARRO 2014), o discurso é movido pela história e por seus dispositivos. Assim, a mudança dos discursos ao longo dos séculos só é possível devido a causalidades históricas comuns e bem conhecidas, as quais modificam os costumes, pensamentos, instituições, práticas, ou seja, todo o dispositivo, o qual tem por limite a fronteira histórica de um discurso. Percebe-se, então, no decorrer dos anos, o surgimento de fatos enunciativos que propiciaram a mudança desses discursos em relação à subjetividade feminina, como os movimentos feministas em defesa da liberdade de mulher; o ativismo de várias feministas como a escocesa Catherine Helen Spence (1825-1910), Angelina Grimké (1805-1879, Harriet Martineau (1802-1876), Barbara Leigh Smith Bodichon (1827-1891), Vida Goldstein (1869-1949), entre outras (JENAINATI, 2020); a aprovação do primeiro anticoncepcional oral desenvolvido por cientistas americanos (1960); a inserção desta no mercado de trabalho; a independência financeira; a criação de leis de proteção à mulher, como Lei da Violência contra a Mulher nos Estados Unidos (1994) e a lei Maria da Penha no Brasil (2006); casamentos cada vez mais tardios; ocupação de cargos antes restritos aos homens, o que motivou a busca da igualdade entre os gêneros e, sucessivamente, a dissipação de enunciados nesse sentido.

Em vista dessas mudanças, tais discursos revelam, hoje, uma maior liberdade da mulher, agora não mais submissa e “presa” a um casamento, como antes, pois ela ocupa, muitas vezes, posições sociais equivalentes às dos homens em relação a trabalho e estudo, por exemplo. Podemos citar, nesse contexto, a ocupação do cargo de presidência da república por uma mulher, o que ocorreu, no Brasil, em 2011, sendo um fato inédito na história brasileira. A inserção da mulher na política é fato em outros países também, mas só passou a acontecer a partir do século XI.

Todavia, mesmo com todos esses acontecimentos discursivos, que ocasionaram em maior liberdade feminina, muitos discursos ainda dissipam a ideia de um comportamento feminino que vise à satisfação masculina, como o discurso sobre a mulher magnética, que propõe a ideia de empoderamento e liberdade femininos, porém, nota-se um controle da mulher, que aparece sob uma outra perspectiva, pois aquilo que se vende, nesses atuais enunciados, é a ideia de felicidade.

O discurso em análise propaga a visão de uma mulher poderosa, buscando elevar a sua autoestima, a sua autoconfiança e a sua felicidade, porém essa felicidade ainda se encontra associada ao homem, colocando-o como um “objeto” a ser conquistado por ela, a qual deve se esforçar e seguir alguns passos para ter sucesso nessa tarefa. Assim, o homem é quem toma a decisão de se relacionar, e, para isso, ela não deve ser ela mesma, mas seguir alguns passos para conseguir conquistá-lo. Percebemos, aqui, a reatualização do discurso bíblico citado anteriormente, registrado em Efésios (5:22-33), o qual destaca que “o marido é a cabeça da mulher”, e em Tito (2:3-5), o qual expõe que a mulher deve ser reverente na sua forma de viver, ressaltando a ideia de docilização do corpo feminino, como analisado por Foucault. Notamos, então, que o homem é ainda o ser ativo, viril, que toma as decisões, ao qual a mulher deve se submeter, negando a sua autonomia, fazendo cursos que lhe ensinem a como se comportar e agradá-lo.

Em um vídeo, publicado em 2018, cujo título é “Ser você mesma funciona?”¹⁴Vanessa de Oliveira expõe uma dúvida comum entre as mulheres: “Van, será que não é mais correto eu tentar conquistar o homem eu sendo eu mesma, eu sendo uma mulher verdadeira e demonstrando os meus sentimentos, e se ele for querer ficar comigo que seja do meu jeito [...]?”. E então ela responde:

Não, amiga, não faça isso, a menos que você seja uma mulher segura de si, uma mulher equilibrada, uma mulher emocionalmente estável, uma mulher que não sente ciúmes, uma mulher que não é impulsiva, porque, amiga linda, se você é uma pessoa que tem problemas, probleminhas mesmo, deixa eu te dizer, a última coisa sobre a face da terra que vai acontecer é você demonstrar pra essa pobre criatura, pra esse infeliz que decidiu se relacionar contigo a pessoa que você é por dentro, porque se você, amiga linda, não tá bem tratadinha, se você ainda não é magnética, se você ainda não é bem resolvida, pelo amor de Deus, esconda seus defeitos do outro, porque tudo que você vai fazer é afugentar a criatura, porque ninguém merece se relacionar com uma mulher que seja doída, despirocada, que seja uma mulher que não tem controle sobre as suas ações, sobre seu lado emocional, sobre a sua boca (OLIVEIRA, 2018).

A partir de seu posicionamento inicial, de que a mulher não pode “ser ela mesma” no processo de conquista, entende-se que o discurso de mulher insegura, desequilibrada, ciumenta, emocionalmente instável é próprio da condição feminina, o que é ratificado nos trechos “se você ainda não é magnética, se você ainda não é bem resolvida”, ou seja, a insegurança, o desequilíbrio emocional é algo natural da “mulher comum”. Verifica-se que o termo “ainda” lhe atribui uma característica que lhe é

¹⁴ OLIVEIRA, Vanessa. **Ser você mesma funciona?** 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r9rygy7zjXE>. Acesso em: 09 ago. 2018.

própria e que, até o momento, não foi modificada. Percebe-se, com isso, uma relação de poder entre homem e mulher, visto que esta precisa esconder seus defeitos daquele que é “infeliz” por com ela se relacionar, como se o homem não possuísse defeitos equiparados aos da mulher, a qual nega a sua essência para conseguir a aprovação dele. Podemos destacar que esse discurso, que busca romper com as antigas subjetividades femininas, como visto anteriormente, ao contrário, ratifica a ideia de inferioridade da mulher, a qual é contemplada de defeitos (desequilibrada, impulsiva, ciumenta, problemática, entre outros), diferentemente do homem, buscando docilizar o seu corpo, padronizar o seu comportamento.

Dessa forma, a mulher precisa passar por um processo de transformação para ser digna de se relacionar com um “infeliz”. O que ocorre é uma repetição, uma reativação de enunciados passados, que buscam controlar, modelar, treinar para a obediência. Esse discurso não constrói, em nenhum momento, a ideia de empoderamento relacionado à mulher, tal como é propagado pelas ideias feministas, que buscam, de fato, a liberdade; pelo contrário, ele apenas ratifica o pensamento difundido por séculos acerca da mulher. Vanessa propõe protagonismo, independência, liberdade, mas ela não sai do lugar de ratificação da inferioridade feminina. Como diz Foucault (1979), em “A microfísica do poder”:

Durante muito tempo se tentou fixar as mulheres à sua sexualidade. “Vocês são apenas o seu sexo”, dizia-se a elas há séculos. E este sexo, acrescentaram os médicos, é frágil, quase sempre doente e sempre indutor de doença. “Vocês são a doença do homem”. E este movimento muito antigo se acelerou no século XVIII, chegando à patologização da mulher: o corpo da mulher torna-se objeto médico por excelência (FOUCAULT, 1979, P.130).

Essa “patologização da mulher” é reproduzida no discurso em análise, o qual atribui a ela uma série de problemas que são natos e que merecem tratamento, além de estar claro que o mesmo não acontece com o sexo oposto. Vanessa se apropria dessa antiga ideia de “doença da mulher” para falar de sedução, ou seja, para seduzir o homem, esta precisa ser acalmada, controlada, tratada, ou melhor, docilizada. Considerando as atualizações históricas, entende-se, então, as condições de possibilidade de esse discurso sobre a mulher circular no momento atual, o qual, embora tenha a tentativa de se revestir de uma ideia de empoderamento, conserva o lugar destinado, por séculos, às mulheres, sendo, portanto, uma reatualização desses discursos em um contexto (atual) em que existem inúmeros movimentos que buscam a independência e libertação do sexo feminino. E dessa forma, Vanessa alcança um alto

número de seguidoras, que compartilham as suas ideias e as colocam em prática, tomando-as como uma verdade, acreditando que estão se empoderando.

Aqui, podemos estabelecer uma relação com o discurso de histeria da teoria freudiana, em que as mulheres desenvolvem um tipo de neurose devido à repressão que sofrem e assim apresentam um certo desequilíbrio emocional. Nesse contexto, cabe observarmos a ideia de histeria no discurso observado no vídeo “Ser você mesma funciona?”. Michelle Perrot (2019) relata que “a histérica é a mulher doente de seu sexo, sujeita a furores uterinos que a tornam quase louca, objeto da clínica de psiquiatras” (p.66). A histeria está associada ao útero, permitindo o desenvolvimento de “doenças das mulheres”. “A histeria ‘remonta’ do útero ao cérebro; ela atinge os nervos, doentes. A mulher torna-se ‘nervosa’” (PERROT, 2019, p.66). Engel (2018), ao discutir sobre psiquiatria e feminilidade, expôs que “o temperamento nervoso, intimamente relacionado à predisposição às nevroses e nevralgias, era frequentemente considerado como típico das mulheres” (DEL PRIORI, 2018, P.333). A justificativa para isso era que o próprio organismo da mulher (menstruação, gravidez, parto) garantia uma predisposição à doença mental. Nesse sentido, era comum à sua natureza a fragilidade, a beleza, o poder de sedução, a submissão, e tudo que fugia a essa natureza levava à classificação da mulher como histérica, como doente mental, principalmente quando se tratava de desvios de comportamento referentes à sexualidade e à afetividade. Com tal fundamento, no século XIX, a cidadania era negada às mulheres, visto a diferença entre os sexos. Prevalcia a dicotomia levantada pelas descobertas da medicina e da biologia: “homens, cérebro, inteligência, razão lúcida, capacidade de decisão *versus* mulheres, coração, sensibilidade, sentimentos” (ENGEL/DEL PRIORI, 2018, P.332).

Breuer e Freud (1990) expuseram que a causa dessa histeria são as lembranças reprimidas, que provocam grande intensidade emocional. Acredita-se que é a educação repressiva que leva a mulher a ter um descontrole emocional, a ser insegura, ciumenta, ou melhor, a ser histérica. Todavia, para Foucault (1979, pag. 129), “este tipo de discurso é, na verdade, um formidável instrumento de controle e de poder”. Tudo isso não passa de uma forma de controlar a sexualidade, por meio de um mecanismo que leva o indivíduo a expor os seus sentimentos, a sua sexualidade, revelar seus segredos mais íntimos, se confessar.

Nessa perspectiva, constrói-se um discurso de que a mulher é “doida”, “despirocada”, sem equilíbrio emocional, e este é dissipado na sociedade, como visto na

expressão da *coach*, o que, muitas vezes, pode “afugentar a criatura”, devido à mulher não agir adequadamente por conta dessas características.

Observa-se, portanto, que, mesmo com todas as mudanças históricas acerca da posição social da mulher, a ideia de inferioridade e a necessidade de controle, de docilização do seu corpo, para enquadrá-la em um padrão de comportamento que a coloque em uma posição subalterna em relação ao sexo oposto ainda se encontra implícita nos atuais discursos, visto que estes a colocam em uma posição de negar a si para agradar o outro (o homem), deixando clara a reatualização de discursos que circularam em outras temporalidades.

3.1 O DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE E SUAS REGRAS DE APROPRIAÇÃO DO FEMININO: QUAIS AS VERDADES

Existe uma estreita relação entre discurso e dispositivo, visto que o discurso tanto pode produzir dispositivos, quanto pode estar atravessado por eles. No processo de docilização do corpo feminino, o dispositivo da sexualidade atua como um elemento de controle, produzindo regras de conduta, as quais são submetidas ao sujeito que, por sua vez, deverá seguir para estar em harmonia com a ordem estabelecida. Daí ser importante compreender uma noção de sujeito que contemple estas particularidades e técnicas de sujeição.

Segundo Revel (2005, p.39), os dispositivos são “operadores materiais do poder, isto é, as técnicas, as estratégias e as formas de sujeição utilizadas pelo poder.” Em “Microfísica do Poder” (1979), ao falar do sentido e da função metodológica do dispositivo, Foucault assim o define:

[...] discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Foucault vê o dispositivo como uma rede, da qual não temos como escapar, uma rede de elementos heterogêneos, que envolvem práticas e discursos, os quais nos cercam e concretizam o poder. O dispositivo está sempre inserido em uma relação de poder, como uma forma estratégica de domínio, é um modo de organização do poder. Assim, o dispositivo é tudo aquilo que, de alguma forma, controla e atua na subjetivação do

indivíduo, surgindo para responder a uma emergência histórica; é uma força da qual o sujeito não escapa. Nessa perspectiva, o discurso propagado por Vanessa é atravessado pelo dispositivo da sexualidade, que atua como uma “linha de força” sobre o sujeito, sendo o poder, uma de suas dimensões. Assim, ela dá visibilidade a enunciações que objetivam a produção de uma subjetividade: a de mulher magnética.

Na página inicial do site “www.vanessadeoliveira.com.br”, encontra-se o enunciado: “A grande verdade sobre como fazer ele se apaixonar por você definitivamente” e, no final da página, a opção “clique aqui e assista a aula grátis”. Os comandos dados vão funcionando como uma teia de captura da subjetividade que estão em vias de ser produzida.

Sobre a noção de verdade, Foucault (1979, p.12) ressalta que esta se encontra intrínseca ao poder, a verdade é produzida neste mundo “graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder.” Nesse contexto, a verdade funciona como uma “tecnologia de poder” utilizada para exercer “relações de força” sobre o sujeito. Tal enunciado é apresentado como uma verdade, a qual legitima os discursos presentes em suas páginas virtuais. O filósofo afirma ainda que os poderes funcionam como mecanismos dos quais ninguém escapa. Na verdade, não estão localizados em um ponto específico da estrutura social, mas nas práticas ou relações de poder, ou seja, é algo que se exerce, se efetua e funciona discursivamente, produzindo o real, os domínios de objetos e os rituais de verdade. Ou seja, estes mecanismos são elementos do dispositivo que atuam sobre o indivíduo, moldando os corpos.

Assim, por meio de um jogo de verdade, de práticas de poder e saber, materializadas nesses discursos, o sujeito, que muitas vezes se encontra de “olhos fechados”, acata essa forma de existência que se encontra pronta nesse discurso, permitindo, assim, que suas experiências sejam construídas, ou seja, o sujeito não se constitui por si mesmo, o discurso lhe impõe uma subjetividade, a qual interfere no seu processo de subjetivação.

Com o discurso de que ela também não era “magnética”, conseguiu transformar sua vida e agora quer repassar esse conhecimento, para que as outras possam também fazer, Vanessa constrói um discurso que se afirma como detentor da verdade sobre a relação com os homens, como também da sexualidade feminina, sobre a qual ela diz, em um outro momento do vídeo, que irá ensinar a “fazer posições sexuais que deixem os homens estarecidos”, indicando, inclusive, quais produtos e acessórios a mulher deve utilizar, além de ensinar, também, *strip-tease*. Aqui, é válido ressaltar a ideia de

governo do outro, visto que Vanessa tem um poder de governar outras mulheres, o que só é possível por ela ter o governo de si, uma vez que tem um conhecimento verdadeiro sobre o que fala e uma experiência sobre o assunto.

Tendo em vista a estreita relação entre discurso e dispositivo, notamos que o discurso em análise tanto produz dispositivos (de saber e poder), quanto está atravessado por eles (dispositivo da sexualidade). Vejamos essa relação no fragmento subsequente do vídeo “Curso Mulher Magnética: 30 dias para transformar sua vida”¹⁵:

Homem nenhum vai desejar sair mais com outra mulher depois que experimentar você, porque a ginástica íntima feminina te propicia que você tenha força muscular pra dar tanto prazer pra esse homem, tanto prazer, que ele não vai mais conseguir se relacionar mais com outras mulheres se elas não fizerem pompoarismo durante a relação sexual (OLIVEIRA, 2018).

Percebe-se que o discurso em análise é atravessado pelo dispositivo da sexualidade, assim denominado por Foucault (1988). A discursivização do sexo leva os indivíduos a prestarem atenção em si, reconhecendo-se e confessando-se como sujeitos de desejo, o qual lhe permite obter uma verdade sobre o seu ser, no caso em estudo, ditando algo sobre a mulher, sobre a sua capacidade de ser a escolhida por um homem. O que era conhecido, na cultura grega e greco-latina, como uma arte da existência, ou seja, a fixação de regras de conduta, em relação ao sexo, para fazer da vida uma obra de arte, estabelecendo valores estéticos e atendendo a certos critérios de estilo, funcionando como uma “técnica de si”, perdeu parte do seu valor com as ideias propagadas pelo cristianismo.

Essas “artes de existência”, essas “técnicas de si”, perderam, sem dúvida, uma certa parte de sua importância e de sua autonomia quando, com o cristianismo, foram integradas no exercício de um poder pastoral e, mais tarde, em práticas de tipo educativo, médico ou psicológico. (FOUCAULT, 2019a, p.16)

Vanessa fala sobre o ato sexual propondo a “ginástica íntima feminina” como uma prática a ser feita pela mulher, sendo essa uma verdade sobre o sexo, a qual é construída por meio de um saber que a *coach* possui, aqui considerada como “uma empresária de si mesma” (RAGO, 2017, pag. 364), considerando que ela investe na ideia de que a mulher deve investir em si mesma, num jogo de apropriação de um capital, atrelado ao poder, produzindo, por meio de uma tecnologia que se assemelha ao

¹⁵ OLIVEIRA, Vanessa. **Curso Mulher Magnética: 30 Dias Para Transformar A Sua Vida (PLUS+)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JOPGR64Jtt8>. Acesso em: 19 jul. 2018.

poder pastoral, um governo do outro, da forma como o outro deve agir para alcançar aquilo que “deseja”. Rago relaciona este modo de desenvolver uma estética de si, como resultante de uma política neoliberal:

O neoliberalismo, portanto, não é considerado apenas como política econômica que afeta o *welfare state*, nem como doutrina ou regime político, mas como uma forma de racionalidade governamental, uma forma de governo das condutas que produz subjetividades. (RAGO, 2017, p. 364)

Vale ressaltar que há um governo das condutas ditas próprias das mulheres, daí que tal ação de orientar as mulheres visa o controle, a sujeição a regras de como proporcionar prazer ao homem, sendo este o alvo dessa subjetividade feminina e o que detém o poder de escolher aquela mulher que lhe proporcione intenso prazer em vista de tantas outras. Emerge, nesse discurso, a posição da mulher em relação ao homem, que seria a de satisfazê-lo. Assim, Vanessa de Oliveira propõe um discurso que atravessa o processo de subjetivação feminina, mas que também é atravessado por discursos sobre a mulher que precederam o atual momento histórico (como os expostos anteriormente), atuando como um dispositivo da sexualidade, uma vez que esse discurso é legitimado pelo *status* que ela possui, construindo, dessa forma, uma verdade sobre a sexualidade feminina.

O desejo de conquistar o homem para com ele manter um relacionamento também é construído por meio de dispositivos, o dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 1988), o qual impõe a relação entre homem e mulher como algo necessário na sociedade, e, assim, as pessoas, especialmente as mulheres, buscam por esse relacionamento, acreditando ser uma necessidade, na qual esta encontra a sua felicidade. Este contribui para o desejo de se relacionar e para a atribuição da responsabilidade de buscar caminhos para a conquista do relacionamento, como também suscita as cobranças sociais e familiares de um casamento. As mulheres modernas casam-se cada vez mais tarde e, mesmo que coloquem o casamento em segundo ou último plano, passam por um processo de cobrança de familiares, amigos, vizinhos, colegas em relação a essa união e à procriação, criando, assim, uma pressão social sobre o relacionamento heteroafetivo.

Ainda no vídeo “Curso Mulher Magnética: 30 Dias Para Transformar A Sua Vida”¹⁶, a *coach* propõe:

O que você quer com os homens? Você quer conquistá-los? Vou te ensinar. Você quer casar com um homem? Vou te ensinar como fazer com que ele pense em casamento e proponha a você esse casamento. Amiga linda, tudo é uma questão de jogo emocional, tudo é uma questão de psicologia e tem como você manipular o homem para que ele pense que ele está tendo ideias que na verdade são suas. Amiga linda, tudo que você quer é que ele faça o que você quer, e eu vou te ensinar exatamente isso (OLIVEIRA, 2018).

Fica implícito, nessa passagem, que o desejo de conquista e casamento da mulher não é uma tarefa fácil, como também não coincide muitas vezes com o desejo do homem atualmente, o qual não encontra no casamento a sua felicidade. Notamos, na posição de sujeito de Vanessa, uma voz que reafirma um saber historicamente constituído acerca da mulher, o qual constrói uma verdade: a felicidade da mulher está no casamento.

Mas será, de fato, que o relacionamento/casamento é o real desejo da mulher? Ou esse desejo foi socialmente criado para e aceito por ela? Diante da visão negativa da mulher solteira, a qual é historicamente constituída, levando a mulher a buscar “a única opção colocada a sua frente, o casamento” (PERROT, 2019, P. 46), e, com isso, ser socialmente bem vista, esse desejo pode, na maioria das vezes, ser algo predeterminado, visto que as cobranças sociais (família, amigos, entre outros), ainda no contexto atual, leva a mulher a buscar o casamento e a maternidade. Sobre essa vontade de se casar, a antropóloga Mirian Goldenberg relata, em uma entrevista ao UOL, que faz parte da matéria cujo título é “Mulheres ainda sofrem cobranças (e se cobram) para casar e ter filhos” (2015):

Todas nós, na infância, convivemos com brincadeiras, como bonecas e casinhas, que são uma espécie de treino para encarar esse projeto. Mesmo que a mulher não o escolha, ele faz parte da vida dela. Então, é difícil perceber sua real vontade, pois o próprio contexto cultural não oferece escolha (GOLDENBERG apud NORONHA, 2015).

Nessa mesma matéria, a psicóloga e pesquisadora do Geerge - Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Patrícia Abel Balestrin, expõe a pressão que as mulheres sofrem, no contexto atual, para se casarem e terem filhos. “É como se no casamento e na maternidade ainda

¹⁶ OLIVEIRA, Vanessa. **Curso Mulher Magnética: 30 Dias Para Transformar A Sua Vida (PLUS+)**. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=JOPGR64Jtt8. Acesso em: 19 jul. 2018.

habitasse a esperança na manutenção dessas normas que posicionam as mulheres, interpelando-as a cumprir com as velhas expectativas sociais” (NORONHA, 2015).

Mary Del Priori, que também é entrevistada nessa matéria, ao falar dos estereótipos femininos criados pela imprensa e pela publicidade que até hoje perduram em nossa sociedade, afirma que, “em vez de valorizar a mulher ‘exclusivamente do lar’, a mídia atual destaca aquela que consegue dar conta de vários papéis. Saiu de cena, por exemplo, a mãe doadora, que se sacrificava pela família, e entrou nos holofotes a mãe ativa, que assume diversas funções com um sorriso no rosto”.

Dessa forma, no contexto atual, em que a mulher alcançou outros lugares na sociedade e uma maior liberdade em relação a tempos passados, o casamento ainda é algo socialmente instituído a ela, sobretudo a função de procriar, o que possibilita a produção de discursos nesse sentido, que oprimem a mulher e controlam o seu corpo, levando-a a desejar um relacionamento e a fazer de tudo para que o homem a escolha, inclusive aprender, em um curso, a manipulá-lo.

Assim, Vanessa vai ensinar a manipular o homem para que, por meio de um jogo emocional, ele venha a realizar o desejo da mulher: assumir com ela um relacionamento. Mais uma vez se ratifica a ideia de que o homem é quem decide, como visto em discursos anteriores, uma vez que ele tomará a decisão de se casar; ainda que por meio de uma manipulação, a decisão continua sendo dele. Assim, a proposta de protagonismo da mulher funciona apenas por meio de uma manipulação, mas não muda o cenário em que o homem é o detentor das decisões. Ela diz, ainda, nesse mesmo vídeo, que irá ensinar exatamente qual é o comportamento que a mulher deve ter para que o “empoderamento” dela não caia, além de dizer “a maneira certa de conversar com eles”, argumentando saber qual “o tipo de assunto que deixa ele ligado”.

Observa-se, portanto, que os discursos que circulam nos sites e vídeos de Vanessa de Oliveira são atravessados pelo dispositivo da sexualidade, o qual atua como uma linha de força no governo do outro, nesse caso, da mulher, construindo uma subjetividade feminina. Esses discursos, ainda, são produtos de um saber constituído por meio da experiência prática e teórica, o que estabelece uma intrínseca relação com o poder e, assim, produz uma verdade sobre a mulher nesse atual contexto histórico. Nota-se, também, que tais discursos são uma atualização dos que constituíram uma subjetividade feminina no passado, ratificando que estes ainda conservam a ideia de ação da mulher em vista da satisfação masculina.

3.2 A MULHER NO ESPAÇO DAS NARRATIVAS: O QUE DIZ A LITERATURA E A MÍDIA

O desejo de conquista de um relacionamento é algo questionável. Como discutido, há fatores que contribuem para a criação desse desejo, como o dispositivo da sexualidade, as diferenças de gênero que criam papéis sociais, a criação de subjetividades. Tudo isso se revela por meio de discursos, que podem ser retomados e que constituem um arquivo.

Os diferentes textos de que tratamos remetem uns aos outros, se organizam em uma figura única, entram em convergência com instituições e práticas, e carregam significações que podem ser comuns a toda uma época. Cada elemento considerado é recebido como a expressão de uma totalidade à qual pertence e que o ultrapassa. Substitui-se, assim, a diversidade das coisas ditas por uma espécie de grande texto uniforme, ainda jamais articulado e que, pela primeira vez, traz à luz o que os homens haviam "querido dizer", não apenas em suas palavras e seus textos, seus discursos e seus escritos, mas nas instituições, práticas, técnicas e objetos que produzem. (FOUCAULT, 2008, p.134)

Notamos, então, que os enunciados se repetem e se relacionam uns com os outros, mas todos fazem parte de um mesmo discurso. Tudo que é dito, ainda que pareça novo, mantém uma relação com o que já foi dito. Quando falamos no desejo de se relacionar com um homem, notamos que essa ideia está presente em discursos que circulam na sociedade e se materializam em filmes, novelas, contos, desenhos infantis, entre outros. Desde o discurso bíblico, que coloca o homem como a cabeça da mulher, nota-se a dependência desta em relação ao sexo masculino, e até mesmo o discurso bíblico de criação do mundo, que coloca a mulher como parte da costela do homem. Esse discurso se repete claramente na sociedade. Podemos citar, aqui, os contos maravilhosos, que deram origem a filmes e desenhos infantis, os quais, em sua maioria (senão em sua totalidade) trazem uma princesa que encontra um final feliz quando é salva ou quando se casa com um príncipe. Analisemos, como exemplo, o conto de Cinderela. Esta é uma garota órfã que vive com sua madrasta e as filhas dela. A garota tem uma vida sofrida, dedicada aos afazeres domésticos atribuídos por sua madrasta. A sua felicidade é encontrada quando o príncipe por ela se apaixona, então acabam se casando e assim tem-se um final feliz: o casamento e o amor do príncipe são o caminho da felicidade de Cinderela.

Citemos, ainda, outro conto: Branca de Neve. Neste, a garota é envenenada a mando de sua madrasta, uma mulher que invejava a beleza dela, sendo esta (a beleza) um atributo natural da mulher, a qual aumenta o seu poder de sedução. Aqui é reforçada a ideia de competição entre as mulheres, pois a madrasta quer ocupar, a qualquer custo, o lugar da mais bela do reino, uma vez que a beleza, para a mulher, lhe garante um maior poder de sedução. “A beleza é um capital na troca amorosa ou na conquista matrimonial” (PERROT, 2019, P.50). Podemos destacar, aqui, que a beleza pode ser vista, também, como um aprisionamento da mulher. Além de estar presa às condições determinadas a ela, como ao lar e à maternidade, à submissão ao sexo oposto, ela deve também estar presa a um ideal de beleza que lhe garante o poder da sedução. A beleza é um atributo de alto valor para a mulher, enquanto a sua inteligência e suas habilidades, por exemplo, não são questionadas nem valorizadas. O poder da mulher está atrelado à sedução, a qual pode ser alcançada pela beleza. A busca pelo poder, entre as mulheres, é, então, uma busca pela beleza.

Ainda neste conto, a garota encontra-se em uma situação entre a vida e a morte, cuja libertação está nas mãos de um homem, o príncipe, que, com um beijo do amor verdadeiro, lhe salvará. A felicidade é encontrada no homem, que tem o poder de libertá-la, sem ele, ela estaria condenada ao sono eterno. Assim, é construída a ideia de que o homem é quem tem o poder de fazer a mulher feliz, o que não é possível sem ele. Também não se trata de qualquer mulher, mas daquela que é bela e que desperta nas outras a inveja, o desejo de ser tão bela quanto para ter o poder de seduzir.

Essas histórias se repetem de diversas formas e são passadas de geração a geração, mas podemos encontrar, em todas elas, a repetição de um discurso que constitui uma regularidade discursiva (isto é, a repetição de um discurso que vai constituindo uma regularidade): a felicidade da mulher atrelada ao casamento, ao amor de um homem, o qual é a cabeça da mulher, a ideia de dependência do sexo oposto para sua libertação e o final feliz, que só acontece quando o príncipe e a princesa se encontram e ficam juntos. Essa regularidade discursiva é o que permite a constituição do arquivo:

[...] trata-se antes, e ao contrário, do que faz com que tantas coisas ditas por tantos homens, há tantos milênios, não tenham surgido apenas segundo as leis do pensamento, ou apenas segundo o jogo das circunstâncias, que não sejam simplesmente a sinalização, no nível das *performances* verbais, do que se pôde desenrolar na ordem do espírito ou na ordem das coisas; mas que tenham aparecido graças a todo um véu discursivo; que em lugar de serem

figuras adventícias e como que inseridas, um pouco ao acaso, em processos mudos, nasçam segundo regularidades específicas: em suma, que se há coisas ditas – e somente estas -, não é preciso perguntar sua razão imediata às coisas que aí se encontram ditas ou aos homens que as disseram, mas ao sistema da discursividade, às possibilidades e às impossibilidades enunciativas que ele conduz (FOUCAULT, 2012, p.157-158).

Foucault afirma ainda que o arquivo é “a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (FOUCAULT, 2012, p.158). Nesse sentido, cabe analisar que o que é dito por Vanessa, por mais que pareça ser novo, diferente, singular, é algo que se repete, que está autorizado a ser dito. Podemos notar, no discurso difundido pela *coach* e pelas mulheres que a seguem, a repetição do discurso que coloca a felicidade da mulher dependente de um relacionamento heteroafetivo bem-sucedido, havendo uma conexão entre eles, o que podemos chamar de arquivo. Este é um sistema que seleciona o que poderá fazer parte da história e o que será excluído dela, ele definirá o que merece ser memorizado, arquivado como história, e o que merece ser esquecido. Os enunciados são acumulados ao longo do tempo e podem ser reativados a qualquer momento, podendo ser retirados de sua inércia e ser inseridos em uma nova relação.

Quando Vanessa fala da busca pelo relacionamento, da maneira como a mulher deve se comportar, ela repete algo que constitui o arquivo em sua historicidade, que já foi dito inúmeras vezes em outras relações discursivas. Porém, é válido destacar que todo enunciado, por mais que repita algo, é singular, é único. Dessa forma, quando Vanessa diz, em seu vídeo “Supertrailer da Mulher Magnética”, que “Uma mulher que é magnética e poderosa, ela nunca é uma mulher que vai ter o objetivo único e principal de, na vida dela, seduzir, conquistar e casar com o homem”, ela repete a ideia de que a conquista do homem é um objetivo de vida da mulher, então ele continua sendo o alvo da sua atenção, todavia esse discurso é inserido em uma nova relação, o que o torna único: ela também busca outras conquistas, como estudar e trabalhar, por exemplo, pois a mulher de hoje já ocupa um outro espaço, o que é possível devido a uma maior conquista de sua libertação. Como destaca RAGO (2017, pag. 367):

[...] A expansão da governamentalidade neoliberal, explica ela, significa que as mulheres também passaram a ser vistas e a se verem como sujeitos neoliberais, e também passaram a buscar seus próprios interesses e ganhos, ao contrário da conhecida abnegação que caracterizava o sentimento feminino.

Com isso, podemos notar um novo contexto de produção do discurso direcionado à mulher, a qual busca uma independência financeira, alcançando níveis de educação mais elevados e ocupando espaços que antes eram exclusivos do homem, como os do trabalho. Dessa forma, quando ela diz que existe um comportamento, um roteiro a ser seguido no processo de conquista, ela resgata discursos anteriores que determinavam o papel da mulher, ditavam o seu comportamento, a exemplo dos citados anteriormente (os quais foram materializados na bíblia sagrada e em revistas femininas), reativando-os, mas isso é feito em uma nova relação, visto que a mulher de hoje é diferente das mulheres que se adequavam a subjetividades passadas.

Podemos destacar, ainda, o que ela diz no vídeo “Erros que afastam o homem e o que fazer para atrair ele para você”¹⁷: “Sim, eu te ensino a ser tão magnética na cama, que você se tornará completamente inesquecível na vida de um homem.” Aqui se faz presente a ideia de responsabilidade da mulher, ela tem que fazer acontecer, a responsabilidade de fazer com que ele fique com ela é dela, pois é ela que tem que fazer algo para agradar, para se tornar inesquecível, como é visto nos discursos que circularam em revistas femininas, citados anteriormente. O próprio título do vídeo já sugere que o erro é da mulher, que ele se afasta por um erro dela, e para atraí-lo, ela deve fazer algo, ideia socialmente aceita e seguida por todos, em destaque, pelas próprias mulheres.

Com isso, notamos que o desejo de se relacionar com um homem e encontrar nesse relacionamento a sua felicidade, ideia que é vendida por Vanessa e ratificada pelas mulheres que a buscam, é algo questionável, pois é fruto de um discurso que padroniza o comportamento da mulher, subjetivando-as, privando a sua autonomia e liberdade de escolher o que deseja, de fato, para si. Podemos destacar que essa regularidade discursiva desperta um desejo, que já se encontra pronto na sociedade e, assim, é aceito pelas mulheres, muitas vezes, sem questionamentos.

Esse conformismo, o das sociedades de produção de massa das normas comportamentais, não deve fazer-nos esquecer um conformismo mais antigo, o dos costumes, das tradições e dos ritos. Não se esperou a revolução industrial para que a sociedade impusesse modos de vida, atitudes práticas. No conformismo da tradição, conduzimo-nos como exige o costume, seguimos as regras de utilização. Em suas conferências sobre o cientista e o

¹⁷ OLIVEIRA, Vanessa. **Erros que afastam o homem e o que fazer para atrair ele para você**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnHhGHHNIs0>. Acessado em: 28 jul 2019.

político, Max Weber evoca a autoridade do eterno ontem. Por que mudar? Todo mundo sempre fez assim. Inércia dos hábitos, aceitação das convenções, respeito às tradições veneráveis. “Aqui, a gente faz assim.” (GROS, 2018, p.100)

Percebemos, então, que a regularidade discursiva é o que regula as práticas sociais, padroniza os comportamentos, desperta os desejos e provoca o conformismo. Sendo assim, torna-se difícil romper com esse padrão, o que permite que Vanessa alcance um grande número de seguidoras e a subjetividade da mulher magnética se estabeleça com grande eficácia no atual contexto social.

4 PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DA MULHER MAGNÉTICA – DE PROSTITUTA A COACH DE RELACIONAMENTOS

Neste capítulo, o foco da nossa análise é o processo de subjetivação de Vanessa de Oliveira, hoje uma *coach* de relacionamentos que saiu do lugar de invisibilidade, de *sexualidade venal*, de mulher “para diversão”, para hoje ocupar uma posição de governo do outro, de direcionar a vida de outras mulheres, as quais almejam um relacionamento/casamento, algo que não é compatível com “as mulheres da noite”. Busca-se, então, analisar o papel histórico da prostituta e da *coach*, buscando compreender os atravessamentos das relações de saber/poder na constituição da sujeita *coach* de relacionamento, responsável pela subjetivação da mulher de hoje como “magnética”.

4.1 DE PROSTITUTA A COACH

O lugar da mulher na sociedade sempre foi bem determinado: ela deveria se dedicar ao lar, ao marido e aos filhos. A mulher do lar era valorizada, sendo o mundo do trabalho visto negativamente, “representado pela metáfora do cabaré” (RAGO, 2018, P.588). O seu corpo sempre foi alvo de controle, visto que o homem era considerado superior. Segundo Perrot (2019, p. 76), “corpo desejado, o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade”. Assim, para adestrar a sexualidade feminina, a mulher era submetida ao pai, ao irmão ou ao marido, como foi notável, aqui no Brasil, no período colonial. As mulheres carregavam a culpa de Eva, “a primeira fêmea, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca” (ARAÚJO, 2018, p.46).

A mulher deve, então, pagar eternamente pelo pecado de Eva, por isso deve ser controlada. A sua sexualidade sempre foi alvo de controle. Segundo o apóstolo Paulo de

Tarso, “ela será salva pela sua maternidade, desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade” (ARAÚJO, 2018, p. 46). Assim, a mulher se torna um ser apagado na sociedade, silenciado, invisível, que está sempre sujeito à figura de um homem.

Das leis do Estado e da Igreja, com frequência bastante duras, à vigilância inquieta de pais, irmãos, tios, tutores, e à coerção informal, mas forte, de velhos costumes misóginos, tudo confluía para o mesmo objetivo: abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas (ARAÚJO, 2018, P.45).

Observa-se, então, que o corpo feminino era controlado constantemente, e a sua educação era repressiva, visto ser a mulher um ser considerado inferior, que deveria se curvar à supremacia masculina.

Michelle Perrot (2005) alerta que, dessa forma, “o corpo das mulheres não lhes pertence. Na família, ele pertence a seu marido que deve ‘possuí-lo’ com sua potência viril. Mais tarde, a seus filhos, que as absorvem inteiramente. Na sociedade, ele pertence ao Senhor” (p.447). Assim, a mulher não tem domínio sobre si e sobre seu próprio corpo, está sempre sujeita ao domínio de uma figura masculina, seja ela o pai, o irmão ou o marido.

A virgindade das moças é objeto de cobiça, sendo consagrada como uma virtude suprema pela Igreja, a qual tomava Maria como um modelo a ser celebrado, visto o seu papel de mãe e virgem. A sua sexualidade era alvo de controle e proteção, devendo ser preservada, sendo esse cuidado uma “obsessão familiar e social” (PERROT, 2019, P. 45). A decência da mulher não casada era associada à virgindade, o que exigia proteção do sexo das mulheres, devendo este ser possuído. “A virgindade no casamento é seu capital mais precioso” (PERROT, 2019, P.64).

O Código Criminal do Império (1830) estabeleceu, em seu artigo 222, uma diferença entre a mulher honesta e a prostituta ao tratar do uso da violência para a relação sexual:

Art. 222. Ter copula carnal por meio de violencia, ou ameaças, com qualquer mulher honesta. Penas - de prisão por tres a doze annos, e de dotar a offendida. Se a violentada fôr prostituta. Penas - de prisão por um mez a dous annos. Art. 224. Seduzir mulher honesta, menor dezasete annos, e ter com ella copula carnal. Penas - de desterro para fôra da comarca, em que residir a seduzida, por um a tres annos, e de dotar a esta. Art. 225. Não haverão as penas dos tres artigos antecedentes os réos, que casarem com as offendidas (BRASIL, 1830).

Assim, fica claro que existem dois tipos de mulher: a honesta e a prostituta. Esta não pode ser honesta, sendo, portanto, estigmatizada. Pouco importa as suas virtudes, as suas crenças, a venda do seu sexo já a classificava como desonesta. É notável que o termo “honesta” é associado a uma moralidade sexual. Além da escolha linguística, observa-se também a penalidade aplicada, a prostituta era uma mulher com um valor inferior, a isso possivelmente devia-se a redução da pena. O Código Penal da República (1890) já destaca que a mulher honesta pode ser virgem ou não, mas a diferença claramente da prostituta, também chamada de “mulher pública”. A mulher honesta, que deve ser escolhida para ser esposa e mãe dos filhos, é associada pelo cristianismo à figura de Maria, mãe e virgem, valorizando a virgindade. A prostituta era aquela que satisfazia a necessidade de prazer do homem viril. “A virilidade repousa sobre a representação de um desejo masculino, natural, irrefreável, que necessita de um exutório. No século 19, a prostituição venal é considerada como uma higiene necessária que precisa apenas ser regulamentada” (PERROT, 2005, P.448). Dessa forma, o corpo da prostituta estava para satisfazer aos desejos masculinos, sendo a imagem desta mulher diminuída em relação às outras pela venda do sexo. O corpo feminino é objeto de valor no mercado, desejado, vendido, explorado, sendo, muitas vezes, objeto que garante lucro a comerciantes do sexo.

Como observado, o lugar da prostituta não é visto com bons olhos na sociedade. Mary Del Priori (2014) destaca que a prostituta era a mulher da diversão, José de Alencar demonstra como identificá-la, no romance *Lucíola* (1862). Quando o personagem Paulo pergunta a seu amigo sobre uma mulher, a Lúcia, este responde: “Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita. Queres conhecê-la?”. Eis, então, o pensamento de Paulo:

Compreendi e corei de minha simplicidade provinciana que confundira a máscara hipócrita do vício com o modesto recato da inocência. Só então notei que aquela moça estava só, e que a ausência de um pai, de um marido ou de um irmão, deviam-me ter feito suspeitar a verdade (DEL PRIORI, 2014, p.84)

A moça decente devia sempre estar acompanhada de uma figura masculina, e aquela que estivesse desacompanhada teria má fama. Nota-se que a prostituta é vista como a mulher diversão, que oferece prazer para o homem, mulher de má fama.

Apesar de, nos dias de hoje, a mulher já ter alcançado uma maior liberdade, o seu corpo ainda é alvo de desejo e muitas vezes é desrespeitado quando não está sob o

domínio de um homem, o que é notável, por exemplo, pelo alto número de estupros que ocorrem.

Até mesmo no casamento, o ato sexual era controlado. Havia médicos que orientavam a sexualidade feminina, como o Dr. Olavarrieta (RAGO, 2018, P.593), que, em 1929, ditava como o homem deveria se relacionar com a esposa. O médico deixava claro que, durante o ato sexual, o marido não deveria buscar a satisfação, pois a alegria, a recreação deveria acontecer com “as amigas anteriores”. “Repeti-las com sua própria mulher, com a que vai ser ‘mãe de seus filhos’, seria insensato, equivaleria a tanto como insultá-la, ofendê-la, quiçá, prostituí-la” (p.594). A submissão e a repressão eram visíveis também no ato sexual, além de não obter prazer, a mulher não podia se colocar sobre o homem, pois contrariava as leis da natureza, visto que ele comandava. O sexo era uma obrigação dos cônjuges e não poderia ser negado, exceto se a mulher estivesse muito doente, o que não incluía dor de cabeça. A esposa não podia ser a amante do marido, aliás, ela não podia demonstrar conhecimento algum sobre sexo, isso seria uma prova de sua honradez (PRIORE, 2014).

Fica evidente, portanto, que a satisfação sexual não ocorreria com a esposa, mas com outras mulheres que tinham essa função, como a prostituta. Essa mulher era, também, aquela que possuía o conhecimento do prazer que pode ser ofertado a um homem. O prazer feminino era visto como maldito, o marido não deveria se preocupar com o prazer da sua esposa.

“As fêmeas dos animais fogem dos machos tão logo são fecundadas; o contrário acontece às mulheres; pois elas os desejam para a deleitação, e não somente para a multiplicação da espécie”. Enfim, o prazer feminino era considerado tão maldito que, no dia do Julgamento Final, as mulheres ressuscitariam como homens: dessa forma, no “santo estado” masculina, não seriam tentados pela “carne funesta”, reclamava santo Agostinho. Com essa pá de cal, as mulheres foram condenadas por padres e médicos a ignorar, durante séculos, o prazer. (PRIORE, 2014, P.35)

A mulher carregava o peso do pecado, era ela a responsável por colocá-lo na terra. A ela, só cabia a função de procriar, de ser mãe. O desejo sexual era visto de forma negativa pelos médicos no século XVI, e era algo mais feminino do que masculino. O homem poderia ter saúde sem o coito, porém a mulher sofria graves riscos quando privada da companhia de um homem. “A prova era a ‘sufocação da madre’, nas viúvas, freiras e solteironas: ‘É uma fome ou sede desta tal parte. Doença que só cessa com o socorro do macho’” (PRIORE, 2014, P.35).

Diante da sua inferioridade, justificada pelo erro de Eva, a mulher tinha de ser obediente, sendo a transgressão associada à prática das feiticeiras. Estas possuíam saberes e poderes que eram ensinados por Satanás. Acreditava-se que as mulheres estavam “mais propensas a receberem a influência do espírito descorporificado” (ARAÚJO, 2018, P.46). Toda bruxaria era associada à “cobiça carnal, insaciável nas mulheres” (p.47). Assim, qualquer manifestação de “descontrole” da sexualidade feminina podia ser associada à bruxaria.

“As mulheres cuja sexualidade não tem freios são perigosas. Maléficas, assemelham-se a feiticeiras, dotadas de ‘vulvas insaciáveis’” (PERROT, 2019, P.66). Assim, esse corpo, que era relacionado ao mal, muito próximo à figura do diabo, precisava ser controlado, disciplinado, silenciado. Priore (2014) destaca que “não foram poucos os que fustigaram o corpo feminino, associando-o a um instrumento do pecado e das forças diabólicas que ele representava na teologia cristã” (P.28). A Igreja, entre os séculos XII e XIII, expunha que as mulheres eram uma forma do mal sobre a terra, ela “era considerada um ninho de pecados” (P.35), o seu corpo era considerado impuro. Observa-se, então, que há toda uma prática discursiva que tentou disciplinar o corpo da mulher, associando o desejo sexual ao mal, para, dessa forma, tornar dóceis os corpos. Assim, a mulher não tinha a liberdade de ter desejos, de fazer o que quisesse com o seu corpo, pois a sua sexualidade era controlada.

Por outro lado, em uma sociedade que valoriza a virgindade e controla a sexualidade feminina, em que o desejo sexual feminino é visto de forma estigmatizada, a prostituição pode ser vista como uma prática que conduz a mulher a romper com essas amarras sociais, que a colocam sob o domínio do outro, ou melhor, do homem. Sobre o corpo, Milanez (2020) declara:

O corpo tem sido, para mim, um lugar de governo, investigação do presente e estudo de uma genealogia histórica da formação de discursos verdadeiros. Acima de tudo, o corpo, nessa perspectiva, não está marcado pela liberdade em si, o corpo é, antes, a possibilidade de se exercer práticas que nos libertam de autolimitações, imposições históricas e modos de governo autoritários. Por isso, falo não da liberdade dos corpos, mas do corpo liberto (MILANEZ, 2020).

Sendo assim, o corpo, que é governado por meio de uma relação de saber/poder constituída historicamente, é também espaço de liberdade, ele pode se libertar de tudo aquilo que o controla. Assim, a prostituição pode ser vista como uma prática em que a

mulher é dona do seu próprio corpo e pode, com ele, fazer o que quiser, inclusive vendê-lo.

Ao seguir a carreira de prostituta, observa-se uma prática de liberdade, uma vez que Vanessa opta por sair do lugar que é determinado para a mulher. Embora ela possa ter seguido esse caminho por falta de opção, como muitas mulheres que se tornaram prostitutas por não encontrarem outro caminho para sua sobrevivência, pode se observar uma ética do cuidado de si, o qual é um prolongamento da ideia de governamentalidade, isto é, ela passa a ser dessubmissa ao jogo da verdade, governando a si mesma, ditando suas próprias regras, condição essencial para que ela possa governar o outro (FOUCAULT, 2015).

A prostituição, embora possa estar ligada a uma exploração do sexo e do corpo feminino, o qual é desejável, explorado, é uma forma de libertação do assujeitamento da mulher, que a coloca em um lugar de pertencimento ao outro, passando, então, a ser a dona do seu próprio corpo.

Vanessa vai se subjetivando enquanto mulher fora do padrão social: mãe solteira e dona do seu corpo. E hoje, o que ela faz é convidar as mulheres para sair do lugar de assujeitamento, para um cuidado de si.

Todas nós conhecemos uma mulher de meia idade ou de mais idade que está aí vivendo amargurada, relaxada fisicamente até na higiene, solitária, sim, vivendo, amiga linda, de fofocas e falando mal de todo mundo o tempo todo, vendo o mundo e as pessoas de uma forma negativa. Elas se tornaram pessoas assim devido à frustração de não serem quem elas nasceram pra ser. Essas pessoas não viveram o que tinham vontade de viver [...] e elas não tiveram forças de se libertarem delas mesmas, vivendo então a expectativa dos outros, a expectativa dos pais, dos namorados, dos amigos, marido, filhos, e muitas vezes esperando que as coisas a volta delas mudassem para só então elas mudarem. Se você é uma mulher passiva e estática, o seu mundo assim será e nada de inovador vai acontecer¹⁸ (OLIVEIRA, 2020).

Nota-se que Vanessa reconhece, no momento atual, que existem mulheres que se assujeitam a uma figura masculina e deixam de ser o que gostariam de ser, sendo uma figura passiva, submetida ao outro, o que lhes causa frustração. E por que elas se conduzem dessa forma? Quem é a mulher hoje?

Foucault (2015) alerta que “qualquer história ontológica de nós próprios deve analisar três conjuntos de relações: as nossas relações com a verdade, as nossas relações conosco próprios e com os outros” (p.71). Foucault considera que o que faz de nós o

¹⁸ OLIVEIRA, Vanessa. **Mude sua vida**. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=2632657243716372>. Acesso em: 18 nov. 2020.

que somos é “a nossa relação com a verdade, com as obrigações, conosco próprios e com os outros”. Assim, a verdade que se tem sobre a mulher, a qual foi construída historicamente por meio de relações de poder/saber, é aceita pelas mulheres, que não a questionam e a tomam como uma verdade a ser seguida, gerando, assim, obrigações para elas, que as colocam em um lugar de submissão ao homem. Assim, elas a aceitam, “esperando que as coisas à volta delas mudassem para só então elas mudarem”. Vanessa busca promover uma reflexão sobre as mulheres e sobre sua relação consigo mesmas e com o outro.

Foucault propõe uma atitude crítica que seria “a arte de não ser governado de tal maneira” (FOUCAULT, 2015, P.15). Dessa forma, o indivíduo deveria questionar a sua maneira de pensar, não se deixar governar, manifestar uma vontade de não ser governado.

[...] a crítica é redefinida como “o movimento pelo qual o sujeito se atribui o direito de interrogar a verdade sobre os seus efeitos de poder e o poder sobre os seus discursos de verdade, tendo por finalidade a dessubmissão no jogo da [...] verdade” (FOUCAULT, 2015, p. 15)

Vanessa tem, então, uma atitude crítica, ao romper com a submissão que é estabelecida para a mulher, e convida outras mulheres a fazerem o mesmo. Ela sai do lugar de ser governada para passar a governar. Mas de que lugar fala Vanessa: somente de mulher? De prostituta? De *coach* de relacionamento? Do corpo dócil, controlado, governado? Do corpo liberto que reúne todas as possibilidades de se desprender do controle? Nessa conjuntura, por meio de uma técnica de governo do outro, Vanessa encontra um espaço para vender o seu curso, para falar às mulheres que elas podem sair desse lugar que lhe foi imposto, um lugar de subordinação. Todavia, questionamos se o que é proposto por Vanessa, de fato, oferece uma liberação daquilo que é imposto à mulher.

Em sua trajetória, Vanessa de Oliveira comercializou o seu corpo por anos. Engravidou na adolescência e, por necessidade financeira, “resolveu” se prostituir. A princípio, “quando passou a fazer programas, teve crises existenciais e achava que iria para o inferno, chegando a procurar muitas igrejas e só encontrou ajuda em um livro espírita”, segundo o portal de notícias “O verbo”¹⁹. Aqui, é notável a docilização do

¹⁹ **Ex-garota de programa diz que já teve relações com padres e pastores e escreve livro sobre espiritualidade.** O verbo, São Paulo, 24 out. 2011. Disponível em: <https://overbo.news/ex-garota-de-programa-diz-que-ja-teve-relacoes-com-padres-e-pastores-e-escreve-livro-sobre->

corpo da mulher, por meio de uma série de restrições específicas, resultantes do funcionamento do dispositivo da sexualidade, as quais não a impedem de fazer algo, mas a fazem se culpar por fazer aquilo que vai ao encontro do papel social estabelecido, tornando-a, assim, um corpo dócil. O poder, que na fala de Vanessa aparece representado pela religião, é visto de forma positiva por Foucault (2010), entendendo positivo como da ordem do exercício sobre o outro, já que não limita a liberdade do indivíduo por meio da restrição, mas por meio da constrição, fazendo-o ser certo tipo de pessoa, moldando-o a desejar apenas aquilo que seja apropriado ao desejo. Sendo assim, as pessoas questionam a si mesmas quando praticam condutas que não se enquadram nos padrões estabelecidos, em vez de questionar os arranjos sociais, como é comum às mulheres, tomam a conduta estabelecida como uma verdade, sem questioná-la.

Nota-se um julgamento comum às mulheres quando seguem um caminho diferente do pré-determinado socialmente, visto que a prostituição é vista de forma negativa na sociedade ocidental cristã. Todavia, observa-se que Vanessa rompeu com essa constrição que, inicialmente, a fez se sentir culpada. Em entrevista ao site “O verbo”, ela relata:

Não sou pecadora por isso. Tenho outros pecados. Toda mulher que gosta de sexo reza. Quantas vezes eu rezava para mim transando com os meus clientes. Eu rezava Pai-Nosso e Ave-Maria ou contava 1, 2... Ou contava quanto de dinheiro tinha conseguido naquele dia e o que eu iria comer quando eu saísse dali. Era só o meu corpo que estava ali.

Fica evidente, portanto, que Vanessa saiu de um espaço governado pelo outro para ocupar um espaço em que ela governa a si. Ela demonstra que não é controlada por discursos que ditam o que a mulher deve fazer, que controlam a sexualidade feminina, como é visível em um trecho do vídeo “Supertrailer – Filme Mulher Magnética”²⁰, em que ela afirma:

Às vezes as pessoas dizem assim “mas Vanessa, você transou com mais de cinco mil homens, você não se sente mal, não tem medo do juízo final, do dia que Deus vai te perguntar ‘e aí, você não acha que teve mais orgasmos do que você deveria ter?’”. Eu não passo por esse tipo de processo, todos os dias, na minha vida, eu deito a cabeça no travesseiro com a consciência mais tranquila e durmo (OLIVEIRA, 2015).

[espiritualidade/#:~:text=A%20ex%2Dprostituta%20tamb%C3%A9m%20conta ajuda%20em%20um%20livro%20esp%C3%ADrita.&text=O%20que%20me%20trouxe%20a%C3%ADvio.de%20Allan%20Kard ec%E2%80%9D%2C%20lembra. Acesso em: 05 nov. 2020.](#)

²⁰ OLIVEIRA, Vanessa. **Supertrailer da Mulher Magnética**. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DKW6uM6OR0k>. Acesso em: 09 ago. 2018.

O sentimento de culpa por ter feito algo divergente do que se é pregado não existe. Vanessa mostra ter se libertado dessas relações de poder que perpassam o processo de subjetivação da mulher e que a assujeitam. Segundo Foucault,

[...] o sujeito se constitui através das práticas de sujeição (assujeitamento) ou, de uma maneira mais autônoma, através das práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural” (Foucault, 2004, p. 291).

Logo, Vanessa maneja as normas propostas para a mulher de forma mais autônoma, praticando a si, compreendendo o que podemos fazer de nós mesmos, visando novos modos de subjetivação. E assim ela busca fazer com que outras mulheres, que estão assujeitadas a regras de condutas que ditam o que é ser mulher, também busquem outros modos de subjetivação, de forma mais autônoma. Ao divulgar conteúdos on-line para comemorar o dia da mulher, em março de 2021, ela disse:

“Convoco todas as mulheres que já foram subestimadas, humilhadas, traídas, a quem tentaram domar, àquelas que tiveram a autoestima e a vida destruídas por parceiros tóxicos a estarem comigo nesse movimento que vai mexer com as estruturas de quem nos acompanha”²¹ (SOARES, 2020).

Nesse discurso, observa-se um convite a todas as mulheres a saírem desse lugar que foi lhe dado, um lugar de submissão, em que ela é domada, controlada, para uma mudança de conduta, em que, possivelmente, irá ocupar um lugar em que ela possa ter o controle de si. Dessa forma, podemos destacar que Vanessa apostou na prática de si, tornando-se diferente do que era antes, ou seja, rompeu com crenças que a assujeitavam e a controlavam, foi se subjetivando, e hoje convida outras mulheres a passarem por esse mesmo processo. Todavia, não podemos deixar de ressaltar que, por um lado ela se tornou livre de certas práticas, e por outro, ainda é assujeitada, pois o discurso sobre a mulher magnética é atravessado por outros que determinam o lugar subalterno da mulher, como analisado nesse trabalho.

Vanessa de Oliveira, hoje *coach* de relacionamentos, por meio de uma prática de si, passou por uma trajetória bem marcada pela invisibilidade e pela criminalidade, observadas pela visão estigmatizada da prostituta, ocupando, por anos, um lugar ínfimo,

²¹ SOARES, Ana Carolina. **Ex-prostituta que se tornou sexóloga lança curso gratuito de autoestima.** Veja, São Paulo, 06 mar. 2020. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/sexo-e-a-cidade/ex-prostituta-que-se-tornou-sexologa-lanca-curso-gratuito-de-autoestima/#:~:text=O%20teaser%20parece%20praticamente%20uma,estruturas%20de%20quem%20nos%20acompanha%E2%80%9D%2C>. Acesso em: 10 nov. 2020.

que não era digno a uma mulher de valor na sociedade. Ela saiu desse lugar para hoje falar sobre mulher, com legitimidade, e orientá-las na busca de uma libertação da submissão imposta ao gênero, mas ainda tratando do assunto relacionamento heteroafetivo. O seu discurso é atravessado por sua formação como *coach*, psicanalista, sexóloga, escritora e, sobretudo, prostituta. Esse último é uma formação que lhe dá vantagens diante de outras *coachs* de relacionamento, visto que ela tem uma experiência prática com os homens, que foi construída por meio desse lugar que ela ocupou durante anos e que lhe permitiu se constituir como mulher que possui o governo de si. Ela fala sobre a mulher com propriedade, como quem sabe o que é mulher e o que é necessário para o relacionamento dar certo.

4.2 A PRÁTICA DA DIREÇÃO DE VIDA: DOS SOFISTAS AOS *COACHS* HOJE

Até aqui, vimos discussões sobre quem é a mulher magnética, quais discursos circulam sobre a mulher, os quais determinam o lugar que ela deve ocupar na sociedade; o que já foi dito sobre ela na mídia, na literatura e na bíblia; o dispositivo da sexualidade que atua sobre ela; como o seu corpo é docilizado; e como a *coach* Vanessa de Oliveira, considerada uma mulher magnética, passou por algumas práticas que implicam uma atitude crítica, culminando na subjetivação da mulher tanto prostituta como *coach* de relacionamentos, obtendo, assim, o governo de si, por meio do cuidado de si, sendo necessário agora compreender como se dá este governo de si e quais suas bases histórico-discursivas. Esta seção, portanto, discute uma noção estoica problematizada por Foucault com o fim de entender as práticas do *coach* hoje e como Vanessa direciona a vida de outras mulheres para obterem empoderamento, protagonismo e, com isso, um relacionamento amoroso heteroafetivo bem-sucedido.

O cuidado de si, que consiste em um cuidado consigo próprio, um cuidado com o corpo e com a alma, é uma prática antiga, desenvolvida até mesmo antes de Cristo. “Na época imperial (27ac – 476 ac), o princípio de que devemos cuidar de nós próprios adquiriu um alcance bastante geral, chegando a constituir uma prática social e dando lugar à elaboração de um verdadeiro saber” (FOUCAULT, 2015, p.24).

Na Grécia clássica, essa prática estava voltada, sobretudo, para a ambição política, entre outros interesses, pois acreditava-se que, “para poder governar uma cidade, tem de começar por aprender a cuidar de si próprio” (FOUCAULT, 2015, P.24). Posteriormente, na época imperial, essa prática atingiu outras formas, tendo um alcance

mais generalizado, não se tratava mais de uma prática que preparava para a vida, mas uma forma de vida. Esta adquiriu funções tais quais mudar hábitos maléficos, livrar-se de opiniões não verdadeiras, encorajar-se, adquirindo-se, assim, uma maior amplitude. O indivíduo que praticava a si tinha autonomia e se autogovernava, fator este determinante para o governo do outro. Epicteto acreditava que era “a forma prática da liberdade”. O filósofo era um mestre que dava a orientação ao indivíduo que podia pagar por seus serviços, e este podia, por meio desse trabalho, praticar a si e buscar cada vez mais sua autonomia e alcançar uma vida bela.

A prática da direcção de vida cobriu entre os gregos e os romanos uma gama bastante ampla de procedimentos diferentes. Encontramo-la sob a forma de relações descontínuas e circunstanciais: Antífote, o *Sofista*, mantinha um consultório aberto no qual vendia aos que deles necessitavam conselhos de conduta sobre o modo de enfrentar situações difíceis. (FOUCAULT, 2019b, p.121-122)

Esses conselhos vendidos serviam de orientação para direccionar a vida dos que deles precisavam. Mas é válido destacar que “só os mestres mais sábios podiam encarregar-se desta direcção individual dos discípulos” (FOUCAULT, 2019b, p.123). O objetivo dessa prática era alcançar o domínio de si:

Neste papel de revezamento e de charneira, o exame de consciência é orientado por um propósito e põe, em termos privilegiados, uma questão: a do domínio de si. Se o dirigido se examina, se assinala cada uma das suas fraquezas, é bem para poder um dia tornar-se plenamente senhor de si mesmo e já não ter de recorrer, num lance aziago, ao auxílio de outrem. (FOUCAULT, 2019b, p.125)

Assim, com essa prática, um dia o indivíduo poderia dispensar o auxílio do mestre e conseguir gerir sua vida, visto que teria o domínio de si. Podemos encontrar, hoje, um papel muito semelhante ao do mestre, o qual é desenvolvido pelo *coach*. Esse profissional tem hoje esse papel, de apresentar um direccionamento para a vida das pessoas, as quais devem “expor a sua alma” francamente para serem guiadas eficazmente. O papel que era dos mestres mais sábios hoje pode ser ocupado por este profissional, que tem um currículo rico, capaz de comprovar e garantir a sua eficiência e sabedoria, claro que temos aí o domínio de si, sem o atravessamento religioso. Mas há um “exame de si”, de seu potencial, identificando fraquezas e potencialidades.

Segundo o site IBC *coach*, a palavra *coach* é derivada da palavra *kocsi* (a pronúncia deste termo era entendida pelos ingleses como *coach*), termo utilizado na

cidade de Kocs, Hungria, para se referir a uma carruagem bastante confortável criada pelos moradores desse lugar no século XVI. Com o tempo...

as pessoas começaram a fazer uma analogia entre a função da carruagem, que tinha como principal objetivo levar indivíduos de um lugar a outro, geograficamente falando, à do coach, que tinha como papel conduzir pessoas do estado em que se encontravam, ao estado em que desejavam estar, por meio do compartilhamento de conhecimentos e técnicas, em um curto espaço de tempo.²²

No século XIX, o termo *coach* passou a ser utilizado por alunos da Universidade de Oxford para se referir aos professores que os ajudavam a ter um melhor rendimento e, a partir de então, o termo passou a ser mais utilizado. A universidade começou a empregar esse termo para os técnicos que lideravam as equipes esportivas, e foi no campo do esporte que ele surgiu para fazer referência à pessoa responsável pelo treinamento e aperfeiçoamento das equipes esportivas.

Esse profissional pode ser descrito, ainda segundo o site do Instituto Brasileiro de Coaching, como aquele que:

atua aplicando os conhecimentos que tem e a metodologia do Coaching na vida pessoal, profissional e empresarial das pessoas, contribuindo para que elas alcancem seus objetivos em um curto espaço de tempo. [...] Ele só lança olhar sobre este ponto, em uma sessão de Coaching, para entender as limitações que impedem o coachee (cliente atendido pelo coach) de crescer e alcançar o seu estado desejado.

Para exercer esse papel, o *coach* tem toda uma formação (cursos, especializações) que lhe permite obter um saber para, assim, contribuir no gerenciamento de vida do *coachee* (pessoa que o consulta). O papel deste profissional não é o de dar as respostas prontas, mas um direcionamento, permitindo que o indivíduo enxergue os caminhos a seguir para alcançar os seus objetivos. Para isso, o orientador faz uso de técnicas e ferramentas do *Coaching*, buscando eliminar o medo, a insegurança ou qualquer outra limitação, como também construir novos hábitos por meio do autoconhecimento, técnica que pode ser comparada à do mestre na época imperial, quando orientava o seu discípulo no cuidado de si.

Nesse direcionamento desenvolvido pelo *coach*, notam-se semelhanças com aquele desenvolvido pelo mestre nas sociedades greco-romanas em busca do cuidado de

²² **Instituto Brasileiro de *coach***. O que é e o que faz um *coach*? Instituto Brasileiro de Coaching, Goiânia/GO, 09 jan. 20. Disponível em: <https://www.ibccoaching.com.br/portal/coaching/o-que-faz-um-coach-2/>. Acesso em: 23 abr. 2020.

si, como a prática de direção, a venda dos conselhos/direcionamentos, a sabedoria. Tomemos como base nessa análise o trabalho desenvolvido por Vanessa de Oliveira. Ela possui a formação de *coach*, como também obtém outros saberes que lhe permitem desenvolver esse trabalho que orienta o outro, como formação em psicanálise, sexologia, escrita de livros e a experiência que obteve como prostituta.

Vejamos o que ela diz no vídeo “Eu e o ex – entenda o que aconteceu”²³:

Amiga linda, como você bem sabe, tudo aquilo que eu passo para vocês, que eu ensino, as coisas que eu escrevo, tudo é muito baseado em quê? Em minha experiência de vida, nas coisas que eu vivi ou então naquilo que eu aprendi junto às minhas alunas, às minhas seguidoras, então tem muito material prático, existe muita experiência de vida em cima disso.

Dessa forma, Vanessa possui todos os requisitos necessários para ocupar essa posição. Em seu curso, oferecido e realizado de forma virtual, a cliente encontra módulos e videoaulas que vão orientar as suas atitudes e há uma modalidade do curso, “Mulher Magnética plus”, que oferece um espaço em que ela pode revelar os seus segredos mais íntimos e obter uma orientação da *coach*. Assim, a mulher conta o que está acontecendo em suas relações amorosas e Vanessa lhe orienta, direcionando as suas atitudes. Vejamos a oferta do curso no site vanessadeoliveira.com.br:

²³ OLIVEIRA, Vanessa. **Eu e o ex – entenda o que aconteceu**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qHGAFGKN4VY>. Acessado em: 18 maio 2020.

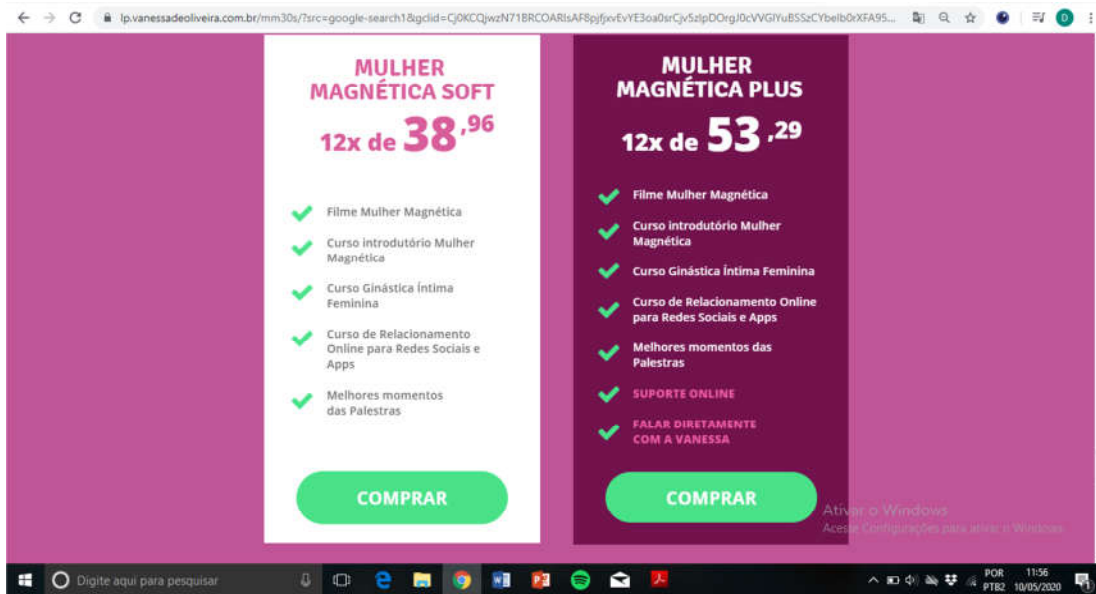
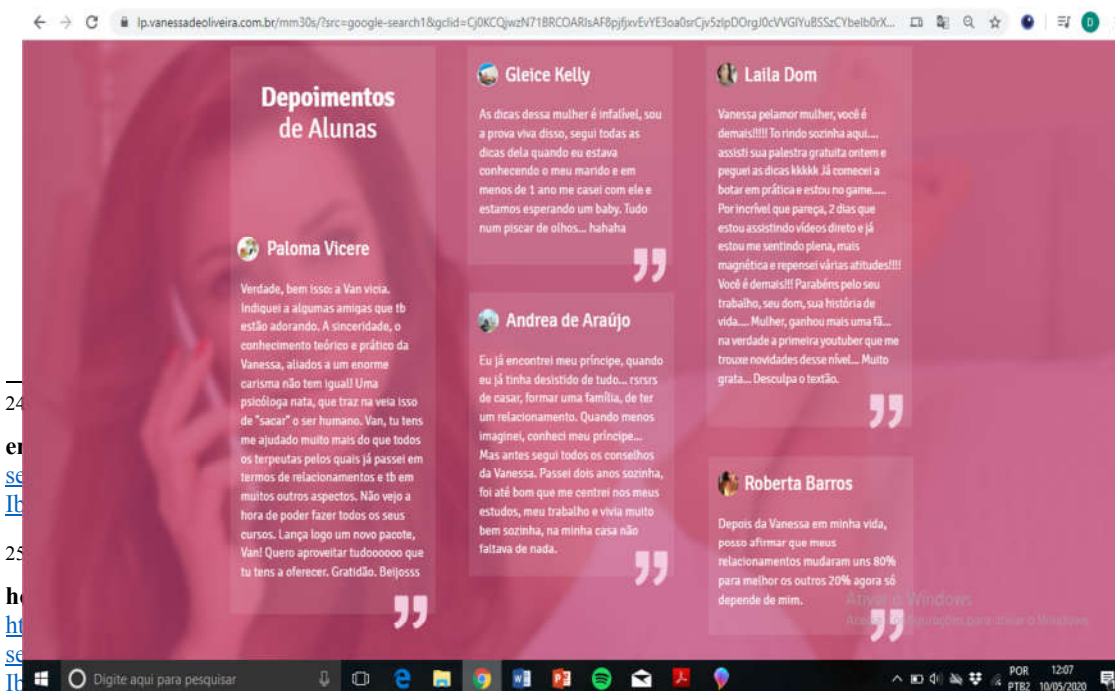


Figura 1 – Escolha a melhor opção para você²⁴

Nesse mesmo site, podemos ver, também, o depoimento de várias clientes:

Figura 2 – Depoimentos de alunas²⁵



Analisaremos tais depoimentos usando as iniciais das alunas para preservar suas identidades. Pode-se notar, ao ler as falas dessas mulheres, a intervenção de Vanessa na vida delas, que por sua vez fazem total adesão às normas de conduta estabelecidas, seguindo as orientações relacionadas às mudanças de hábitos, de comportamentos e, conseqüentemente, de vida, trabalho semelhante ao do mestre na sociedade greco-romana. Porém, questiona-se se essa direção de vida tem o mesmo objetivo que tinha no passado na relação do mestre com o seu discípulo, ou seja, o cuidado de si, a sua autonomia e gerenciamento da própria vida, pois observa-se que toda essa mudança de vida não garante a autonomia da mulher, uma vez que esta promove mudanças em sua vida para conquistar um relacionamento amoroso, buscando satisfazer o homem, ter atitudes que irão agradá-lo para assim conseguir com ele se relacionar.

P.V., ao afirmar que “o conhecimento teórico e prático da Vanessa, aliados a um enorme carisma não tem igual! Uma psicóloga nata, que traz na veia isso de ‘sacar’ o ser humano.”, reconhece o conhecimento prático e teórico de Vanessa, o qual propõe a ela um conhecimento sobre o ser humano. Aqui, se fortalece a relação de prática/saber/poder. A *coachee* confirma seguir as orientações da *coach* e ainda recomenda a outras amigas para que a sigam também. Ela acrescenta, ainda, que “tens me ajudado muito mais que todos os terapeutas pelos quais já passei em termos de relacionamentos e tb em muitos outros aspectos”. Nota-se o efeito das orientações de Vanessa na vida dessas mulheres, o quanto estas tomam os seus “conselhos” como uma verdade estabelecida, que é legitimada pela posição de sujeito ocupada pela *coach*.

G.K. afirma serem infalíveis as dicas de Vanessa. Após segui-las, conquistou rapidamente o relacionamento e, em menos de um ano, se casou. Assim, podemos observar que, em uma sociedade patriarcal, em que a mulher deve ocupar uma determinada posição, ser uma mulher magnética garante sucesso nas conquistas amorosas heteroafetivas, visto que, docilizada, essa mulher está no lugar estabelecido pela norma social.

A.A. afirma que “Quando menos imaginei, conheci meu príncipe... Mas antes segui todos os conselhos de Vanessa”. Ela confessa que já tinha desistido do seu "príncipe" e, ao seguir os mandamentos de Vanessa, quando menos esperava, o encontrou. Assim, o relacionamento para ela só deu certo, ou seja, o encontro do

príncipe só ocorreu depois que ela se enquadrou na subjetividade da mulher magnética. A.A. alcançou o seu objetivo com sucesso após se subjetivar tornando-se magnética, após aprender a realizar bem o seu papel.

Percebe-se, no depoimento de A.A., a retomada da memória discursiva presente na palavra “príncipe”, que é vista nos contos de fadas, em que a felicidade da princesa é encontrada juntamente ao príncipe. Ela se coloca no papel da princesa, da dona de casa, da esposa cuidadosa, como já foi visto na Bíblia e na literatura. Observa-se, neste discurso, o acúmulo, isto é, onde se encontram os enunciados (Foucault, 2008). Os enunciados são, ao longo do tempo, reativados, retirados de sua inércia e inseridos em uma nova relação, como visto no comentário de A.A.

A.A. reconhece, também, que ter ficado “sozinha” por dois anos “foi até bom”, pois pôde dar atenção a outros aspectos da sua vida, como estudo e trabalho, que aparecem, na sua fala, em termos de prioridade, como elementos secundários. A inclusão da palavra “até” demonstra que, para ela, ficar sem um homem não é uma coisa boa, o que ratifica a ideia de felicidade atrelada ao relacionamento com ele. Nota-se ainda que o homem é visto como o provedor, o que pode garantir que nada faltará à mulher quando ela diz, já no final, que “na minha casa não me faltava de nada” mesmo estando sozinha. Apesar de identificarmos ideias de submissão e dependência em relação ao sexo oposto, nota-se um reconhecimento de que viver sem um homem não é tão prejudicial, já que relata ter sido bom (apesar da palavra “até”) e não ter lhe faltado nada (provavelmente no sentido financeiro).

L.D. expõe que o discurso em análise já a fez repensar suas atitudes e ela já se sente como magnética, consagrando-se como fã da *coach*. R.B. reconhece que os seus relacionamentos mudaram muito depois que conheceu Vanessa. A partir desses depoimentos, podemos perceber que as orientações de Vanessa produzem efeitos práticos na vida das mulheres que se adequam à subjetividade da mulher magnética. O resultado parece real.

Podemos questionar por que as orientações de Vanessa são consideradas mais eficientes do que as de qualquer outro terapeuta, como afirma P.V. Por que essas orientações realmente parecem mudar a vida das mulheres que “desejam” o relacionamento heteroafetivo? Por que, depois de se tornarem magnéticas, elas declaram conseguir conquistar o relacionamento?

O que a sexóloga ensina é, na verdade, o que Frederic Gros chama de obediência. Obediência às leis da vida, sem questioná-las, ou seja, a mulher se adequa a uma subjetividade que lhe impõe o que fazer, e ela só faz obedecer. Nos depoimentos vistos, notamos que as mulheres seguem as regras que lhe são impostas, obedecendo, fielmente, ao que lhe é dito, sem nenhum questionamento. Com isso, podemos afirmar que a submissão feminina é algo ainda muito presente na sociedade atual, mesmo após inúmeras conquistas que buscaram retirar a mulher da posição de satisfazer ao homem em prol de sua autonomia, como o crescimento de movimentos feministas. Sobre essa obediência, Frederic Gros (2018) salienta:

Relendo La Boétie, eu falava de "superobediência" para indicar os limites da hipótese de submissão, ao menos na ordem política. A autoridade política só se mantém por uma adesão secreta que faz superobedecer. Se só obedecêssemos aos poderosos de forma passiva e dolorosa, eles não teriam poder. É nosso excesso de obediência que os mantém. Superobediência: no cerne da opressão, o enigma de um gozo, o segredo de uma complacência. (GROS, 2018, p.93)

Dessa forma, tendo em vista que vivemos em uma sociedade machista, em que reina o patriarcado, a obediência/submissão fortalece esse reinado, é exatamente por isso que o relacionamento dá certo e as orientações da *coach* surtem efeito, pois o corpo feminino mostra-se docilizado, realizando justamente aquilo que é determinado pelo poder, o que faz com que as mulheres de fato o conquistem. Como diz Frederic Gros, "o problema não é a desobediência, é a obediência". (GROS, 2018, p. 9)

Sobre a obediência, Gros diz ainda que:

O segredo da obediência poderia estar não no fervor, mas numa inércia passiva. A obediência às leis? É um produto do hábito, um hábito reforçado pelo seguidismo. Cada pessoa alinha seu comportamento ao de todos os outros. Obedecer-se por conformismo. (GROS, 2018, p.93)

E assim muitas mulheres seguem as normas, sem questionar, apenas obedecendo. Vimos que muitas mulheres aceitam o papel que lhe é ditado, elas seguem as ordens para conseguir se relacionar com os homens, desempenham um papel de conformismo, não reagem a essas imposições. Raras são as mulheres que produzem comentários, nos vídeos publicados no *Youtube*, que questionam essa imposição. Assim, conforme analisa Gros, há uma padronização dos comportamentos, dos desejos, dos destinos, de toda a trajetória de vida. As normas socialmente estabelecidas tornam

previsível o comportamento da mulher, inserindo-a em uma subjetividade que faz dar certo a relação.

As mulheres seguem, fielmente, o que Vanessa dita, tomando-a como a que detém o conhecimento, a experiência, a verdade, uma vez que ela de fato ocupa uma posição que lhe garante legitimidade, pois o seu discurso é atravessado pelas relações de saber/poder. A conquista do tão desejado relacionamento acontece, é real, mas, para isso, a mulher tem de ter comportamentos, atitudes, saber o que dizer, tudo para agradar, primeiramente, ao homem, não para buscar a sua autonomia, mas sim se adequar a uma subjetividade, a subjetividade da mulher magnética, sendo, portanto, diferente do cuidado de si desenvolvido em tempos remotos.

Pode-se afirmar que, embora em alguns momentos se assemelhe àqueles desenvolvidos nas sociedades greco-romanas em busca do cuidado de si, nota-se que esse cuidado não busca a autonomia do indivíduo, mas a adequação a uma norma, podendo se observar, também, a presença do poder pastoral. Na vida moderna, a prática do cuidado de si desapareceu, visto que, hoje, o que se nota é a constante prática de renúncia à própria autonomia, isto é, o indivíduo se submete ao outro por meio de diversas relações de poder.

Um dos fatores que contribuem para essa abstenção, segundo Foucault, é a influência do cristianismo, entre outros fatores. As instituições cristãs desenvolveram uma tecnologia de poder chamada de poder pastoral (FOUCAULT, 2010), a qual divergia da ética do mundo antigo. A palavra pastoral está ligada ao pastor, ao qual os membros da igreja tinham de servir. Porém, essa forma de servir tinha uma relação diferente, visto que o pastor detinha o poder de assegurar a salvação do indivíduo em outro mundo, e este se subordinava àquele. O pastor ocupava um cargo de comando e poder, devendo sacrificar-se para salvar o seu rebanho (seguidores). Com isso, ele não só cuidava dos indivíduos em sua totalidade, mas também de cada um, individualmente. Para isso, ele tinha o conhecimento da mente humana, sendo essa uma condição para exercer o seu poder, fazendo com que as pessoas revelassem-lhe os seus segredos íntimos. Essa forma de poder, que salva o indivíduo, “está ligada à produção da verdade – a verdade do próprio indivíduo” (FOUCAULT, 2010, 1982, p.280).

Esse poder pastoral foi enfraquecido no campo da religião, desde o surgimento do iluminismo (séc. XVIII), contudo ele se multiplicou em outros setores, a exemplo da constituição do Estado, que pode ser considerado uma nova forma de poder pastoral por

considerar os indivíduos tal qual o cristianismo o considerou, em sua totalidade e em sua individualidade.

Podemos observar que a *coach* se apropria dessa tecnologia de poder. No caso em análise, Vanessa desenvolve uma tecnologia de poder com as suas seguidoras, visto que ela é a detentora da verdade, ela que tem o conhecimento capaz de salvar essas mulheres de suas vidas mal sucedidas em relacionamento amoroso heteroafetivo, o que se assemelha ao trabalho que o pastor desenvolve na igreja, ou seja, ela se apropria da tecnologia do poder pastoral. Acrescenta-se a isso o seu conhecimento em psicanálise, que demonstra um conhecimento da mente humana, algo semelhante ao papel do pastor.

As mulheres que seguem as orientações de Vanessa e a buscam enquanto profissional têm, em comum, um interesse: ter um relacionamento heteroafetivo bem sucedido. Diante dessa busca, questiona-se: por que as mulheres têm esse desejo? O que as motiva?

A partir das análises feitas até aqui, notamos que é dado como verdade que a presença do homem na vida de uma mulher é uma necessidade. Essa verdade construída suscita um desejo de cuidado de si e do outro, mas num espaço de obediência: do casamento, numa relação de imposição e estabelecimento de uma ordem dada às mulheres e legitimada pela instituição igreja.

Vivemos em uma sociedade fortemente influenciada pelos princípios cristãos, os quais, desde sempre, impuseram o casamento aos cidadãos de uma sociedade. O regime dos *aphrodisia*, discutido por Foucault em “História da sexualidade – confissões da carne”, o qual foi criado em função da desqualificação do prazer e a favor do casamento para procriação, foi desenvolvido pela sociedade pagã e herdado pela sociedade cristã, sendo encontrado na doutrina dos Padres da Igreja do século II. Dessa forma, nota-se que o casamento foi criado ainda na cultura pagã, como uma regra de conduta, sendo aproveitado posteriormente na doutrina cristã, a qual desqualificava o prazer, estabelecendo que a relação sexual tinha um único fim, o de procriar. Como medida de controle dos corpos, para que estes não fossem usados para obtenção de prazer, o casamento foi instituído para promover a união entre homem e mulher, no qual o corpo e o desejo passavam a ser anuláveis, sendo este um pecado, e, entre os esposos, deveria haver um laço de simpatia respeitosa. Assim, o objetivo final dessa união era apenas o de procriar e dominar o desejo.

Dessa forma, o dispositivo da sexualidade, conjunto de técnicas de gerenciamento dos corpos, age, atuando sobre os indivíduos, interferindo na sua

sexualidade, levando-os a aceitar o casamento, inclusive, a desejá-lo, prática herdada nos dias atuais.

Nesse sentido, questionamos: O casamento, criado ainda na sociedade pagã, teria o mesmo objetivo na sociedade cristã, que o herdou, a qual rege, ainda hoje, os princípios sociais modernos? No cristianismo, o sexo é visto como algo impuro, relacionado ao pecado, o que pode ser notável em Gênesis, livro que explica a criação do mundo segundo a ideologia cristã. Assim, ao descobrir o desejo, o homem se envergonha e se cobre, sendo excomungado por Deus, o criador, que consagra como pecado o comportamento sexual entre Adão e Eva, os primeiros habitantes da Terra. Sendo assim, a obtenção do prazer é algo abominável, que precisa ser confessado para, com isso, ser perdoado. Aquilo que é um impulso natural humano passa a ser visto como um pecado.

Para os estoicos, o *logos* é um conjunto de regras que leva o indivíduo a ter o governo de si para, com isso, governar o outro. Dessa forma, era necessário que o homem tivesse o controle do prazer se quisesse governar a si, e o sujeito que não tem o governo de si não tem direito à *parresia* (ao falar francamente). Nesse contexto, foi criado o regime do *aphrodisia*, para que o indivíduo não fosse dominado por seus desejos, sendo o desejo sexual visto como um impulso natural do ser. O homem era livre para desfrutar dos prazeres, mas cabia a ele ter o controle para não ser dominado pelo prazer em vez de dominá-lo. Não existia, então, uma conotação moral, o prazer não era visto como um erro, um pecado. A visão que os gregos tinham era que, se o prazer não fosse controlado, nós estaríamos subordinados a ele, perdendo, assim, o domínio de si, o que tornaria impossível ter o governo do outro.

A reflexão moral sobre os *aphrodisia* tente muito menos a estabelecer um código sistemático que fixaria a forma canônica dos atos sexuais, traçaria a fronteira das interdições, e distribuiria as práticas de um lado e de outro de uma linha de demarcação, do que a elaborar as condições de moralidade de um 'uso': o estilo daquilo que os gregos chamavam de *chresis pahrodision*, o uso dos prazeres" (FOUCAULT, 2019b, p.67)

Dessa forma, o indivíduo que possui o controle dos seus desejos é dono do seu prazer e assim pode se servir dele sem excessos, mas apenas até onde vai a sua necessidade. Com isso, a *aphrodisia* funcionava como uma forma ética de desfrutar dos prazeres.

O cristianismo, posteriormente, se apropria dessas ideias gregas, mas com finalidade distinta, para governar o outro e não a si, tirando, dessa forma, a autonomia

do outro. O logos, no cristianismo, está ligado a Deus, é uma manifestação de fé, e não dá lugar ao sujeito falar, como ocorria com os gregos.

A partir daí, notamos a presença do controle dos corpos por meio do poder pastoral, que leva os indivíduos a manterem uma certa conduta, adequando-se a uma subjetividade, a qual controla os desejos. A liberdade de ter o controle sobre si foi transferida para a igreja, a qual passava a ter o controle sobre o homem, que perdeu sua autonomia e passou a ser governado por ela. O sujeito sexual passa a falar a verdade de si mesmo por meio da confissão, visto que deveria expor os seus atos sexuais, vistos como pecados, para, com isso, obter a redenção. Dessa forma, a sexualidade passa a ser construída por meio de discursos, passamos a ter uma sociedade que fala da sexualidade em vez de ser silenciosa, a qual convida o indivíduo a expor a sua sexualidade, que passa a ser organizada por uma tecnologia de poder revestida pela moralidade cristã. Segundo Foucault (2019b), “o valor negativo atribuído ao ato sexual deu a ele uma centralidade que nunca atingiu na moralidade grega ou romana” (p. 201-202).

Somente quando passamos a colocar em discurso a nossa sexualidade é que ela passa a existir e, conseqüentemente, ela constitui a nossa verdade como sujeitos, ressaltando que é necessário dizer para o outro, confessar, por meio de uma tecnologia de submissão e obediência. A obrigação do sujeito de dizer a verdade sobre si, relatando os “erros” cometidos, é uma tecnologia, uma forma de governo do outro para garantir poder sobre os súditos, tirando do sujeito a sua autonomia e liberdade.

Analisando o discurso sobre a mulher magnética, percebe-se que ela expõe ideias e ensinamentos baseados em sua experiência de vida, acreditando ser livre para falar sobre relacionamento na modernidade, tendo domínio sobre os homens, o que foi obtido por meio de suas experiências enquanto prostituta. Todavia, o que se nota nesse discurso é todo um reforço do discurso cristão, que retira a autonomia do sujeito e o enquadra em uma subjetividade que dita seu comportamento, a união heteroafetiva para o controle dos indivíduos, que não são livres para falar e escolher seu destino. Nessa perspectiva, a mulher acredita necessitar de um relacionamento, e mais ainda, de um curso que a ensine como se relacionar, como agradar ao homem, e para isso, ela fala sobre si, fala dos seus “erros” e segue os ensinamentos de Vanessa.

4.3 O DISCURSO DE EMPODERAMENTO E A BUSCA DE UMA VERDADE PARA SI

No site “vanessadeoliveira.com.br”, Vanessa de Oliveira expõe um questionamento: “Por que eu criei o Mulher Magnética?”. E ela, então, responde: “Para ajudar mulheres comuns a se transformarem em Mulheres Empoderadas, Poderosas e com Magnetismo Incomparável, capaz de conquistarem o melhor relacionamento das suas vidas e serem a protagonista da própria história”. Ela ainda acrescenta: “Eu quero que você se torne uma Mulher Magnética, com a autoestima nas alturas, que confia no seu poder de sedução e saiba se valorizar de verdade.”

Primeiramente, ressaltamos que um discurso que busca elevar a autoestima da mulher e a sua valorização é possível devido a acontecimentos históricos, visto que a mulher, como discutido nesse trabalho, foi vista como um ser inferior ao homem e, por isso, deveria ser submissa a ele, tendo como objetivo de vida o casamento, o lar e a procriação. Todo esse contexto e os diversos enunciados que circularam sobre a mulher tornaram possível, hoje, a difusão de um curso que potencializa um discurso de valorização feminina. Todavia, ao analisar o discurso que circula nos vídeos de Vanessa, em que ela propõe um curso com “um passo a passo programado”, “um roteiro”, que padronizam o comportamento da mulher e a coloca em uma posição de agradar ao homem, questionamos: Esse discurso realmente propõe o empoderamento da mulher? Ele propõe, de fato, o protagonismo feminino?

De acordo com o *Dicionário Online de Português*²⁶, empoderamento significa “ação de se tornar poderoso, de passar a possuir poder, autoridade, domínio sobre: processo de empoderamento das classes desfavorecidas”. O termo “empoderamento”, relacionado à mulher, segundo o site *Politize*²⁷, “está ligado a uma consciência coletiva por parte das mulheres e é constituído de ações tomadas por mulheres que não se deixam ser inferiorizadas pelo seu gênero e tomam atitudes que vão contra o machismo imposto pela sociedade”.

Nesse trabalho, apesar de considerar estas noções de empoderamento para o fim de situar a noção no campo dos saberes legitimados, considera-se uma noção de poder que está em relação com a produção do saber, fundamentada no Estudos discursivos foucaultianos. Pensar o “empoderamento” da mulher é pensar sua posição na sociedade hoje e seus atravessamentos decorrentes das relações saber/poder.

²⁶ **Significado de empoderamento.** Dicionário Online de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/empoderamento/>. Acesso em: 01 out. 2020.

²⁷ **Empoderamento: O que significa esse termo.** Disponível em: <https://www.politize.com.br/empoderamento-o-que-significa-esse-termo/>. Acesso em: 01 out. 2020.

No vídeo “Erros que afastam o homem e o que fazer para atrair ele para você”²⁸, Vanessa se apresenta como sexóloga, firmando sua posição prestigiada num determinado campo dos saberes sobre a mulher e a sexualidade:

Meu nome é Vanessa de Oliveira, eu sou sexóloga e trabalho com empoderamento feminino há muitos anos. Muitos me chamam de rainha má e a minha missão de vida é ajudar mulheres como você a se tornarem poderosas e a terem a melhor autoestima do mundo, assim como a minha. E é claro, eu também te ajudo a conquistar os homens, a ponto de eles rastejarem pela oportunidade de estar com você. É, eu ensino homens a caírem de joelho porque eles te veem como uma verdadeira rainha (OLIVEIRA, 2019).

Aqui, nota-se que a conquista do homem está, aparentemente, em segundo plano, o que é notável pela presença do termo “também” em “também te ajudo a conquistar os homens”. Assim, pressupõe-se que o foco do curso é tornar a mulher poderosa e a melhorar a sua autoestima, em que Vanessa se coloca como uma mulher que tem a autoestima inabalável, que está na posição de quem ensina, tendo o saber necessário para cumprir com o prometido e atingir o objetivo colocado. Nesse mesmo vídeo, a *coach* acrescenta:

Sim, eu te ensino a ser tão magnética na cama que você se tornará completamente inesquecível na vida de um homem. Entre outras palavras, eu ensino você a ser rainha absoluta e a mudar a forma como ele e o mundo te veem e te tratam. Esquece tudo aquilo que te ensinaram a respeito de homens, de relacionamento, de poder feminino e de sexo, até porque, amiga linda, nada do que você ouviu no teu passado te ajudou aí a conquistar, de fato, um homem ou a ter a autoestima elevada que você sabe que merece e que pelo contrário não anda tendo. Eu vou te ajudar a quebrar todos os ensinamentos, eu vou te ajudar a quebrar todas as suas crenças, todas aquelas regras erradas que te foi ensinado desde que você era uma menina (OLIVEIRA, 2019).

Aqui, podemos resgatar, na fala de Vanessa, o reconhecimento de uma educação voltada para a menina, que limita as suas ações futuras como mulher. Também destaca-se o reconhecimento de que o homem e o “mundo” veem a mulher de uma forma desvalorizada, ocupando o polo oposto ao de rainha. Ela reconhece que essa educação e essa visão que geralmente se tem sobre a mulher não é bem-sucedida, pois a sua autoestima e a conquista do homem, que aparecem como foco de vida da mulher, não são satisfatórias. Então a proposta da *coach* é romper com todo esse paradigma e trazer uma nova visão de mulher, a qual obtém sucesso em seus objetivos.

²⁸ OLIVEIRA, Vanessa. **Erros que afastam o homem e o que fazer para atrair ele para você**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnHhGHHNls0>. Acesso em: 28 jul. 2019.

Na sequência, ela propõe: “Quer ser, amiga linda, uma mulher de verdade? Então me ouve: primeiro, não dependa de homem.” O termo “verdade” nos remete a uma divisão entre a mulher de mentira, uma prática divisória nos termos de Foucault. A mulher que se opõe à de verdade seria aquela vista como repulsiva, já que não tem o poder que a magnética tem de atrair o homem, e a de verdade, que é a magnética, atrai os homens. Assim, Vanessa constrói um discurso sobre a verdade acerca da mulher de hoje que está em relação com o homem, não consigo mesma. Mas que verdade é esta? Como garantir esta “transformação”? É possível garantir este lugar para o sujeito/sujeita? São questões que, apesar de terem sido as instigadoras desta pesquisa, persistem ainda requisitando a continuidade dos estudos, bem como que se trace uma história da verdade e de sua produção na sociedade. Sobre isso, Foucault esclarece:

Vivemos em uma sociedade que em grande parte marcha "ao compasso da verdade" – ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm por este motivo poderes específicos. A produção de discursos "verdadeiros" (e que, além disso, mudam incessantemente) é um dos problemas fundamentais do Ocidente. A história da "verdade" – do poder próprio aos discursos aceitos como verdadeiros – está totalmente por ser feita (FOUCAULT, 1979, P. 127).

Assim, a verdade sobre a mulher de hoje é que ela deve ser independente, além de obter outros requisitos, diferentemente da verdade de outros tempos, em que a mulher não podia sair desacompanhada de um homem, por exemplo. Porém, mesmo com essa mudança, mesmo se tratando de uma mulher, não digo independente, mas um corpo liberto, observa-se que o foco da vida da mulher tem sido seu “empoderamento”, mas continua sendo também a conquista do homem e a busca pelo relacionamento. Vejamos o depoimento de uma aluna de Vanessa, Aline Godoi, que a *coach* relata no vídeo²⁹ em análise:

Em pouco mais de um mês magnetizei e fisguei um partidão que está caidinho por mim. Fiz todo processo de sedução e deu muito certo, estou feliz da vida. Além disso claro estou muito mais satisfeita comigo mesma e melhorando outros pontos. Parabéns, Van, pela mulher incrível e grande profissional que tu és. Gratidão (OLIVEIRA, 2019).

Caberia iniciar, num breve futuro, a escrita de uma história da sedução. Os elementos que emergiram desta pesquisa vão, de forma indiciária, compondo um

²⁹ **Erros que afastam o homem e o que fazer para atrair ele para você.** 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnHhGHHNIs0>. Acessado em: 28 jul. 2019.

panorama desta história que há tempos vem sendo construída nas práticas histórico-discursivas. Por hora, é possível perceber que se torna evidente, nesse depoimento, a relação entre sedução e magnetismo e o objetivo a se alcançar com isso: a conquista masculina e a felicidade, que aparece atrelada ao relacionamento amoroso heteroafetivo. A aluna reconhece que tem “outros pontos” a melhorar, ressaltando a premissa de que a mulher tem diversos problemas que devem ser tratados, levantados por Vanessa no vídeo “Ser você mesma funciona?”.

Diante disso, nota-se que, embora o discurso sobre a mulher magnética vise buscar a ideia de uma mulher poderosa, liberta das culpas, das relações de força que a inferiorizam, a mulher magnética não pode ser considerada uma mulher poderosa e independente, como é inicialmente proposto, visto que, tomando a análise aqui realizada, ela ocupa um lugar estigmatizado, de submissão, de agradar ao outro (o homem), de obter uma relacionamento heteroafetivo e, possivelmente, de procriar, ou seja, um lugar de manutenção de uma verdade sobre a mulher na história da sedução. Assim, por mais que ela busque sair daquele lugar que lhe foi determinado por séculos (ideia possível a partir dos movimentos feministas, que buscaram a sua maior liberdade), segundo esse discurso, esta ainda ocupa o mesmo lugar: o de submissão, de obediência ou melhor, de sujeição a uma relação de saber/poder.

Dessa maneira, questionamos: Vanessa poderia propor a desobediência feminina?

Ela poderia romper com o discurso de séculos que define o lugar desprivilegiado da mulher? Será que o seu discurso seria aceito pelas próprias mulheres? Será que ela teria tantas seguidoras e venderia o seu curso? Será que haveria depoimentos de sucesso nos relacionamentos?

Finalizando com mais questões, o que se observa é que ela busca proporcionar técnicas de poder para a mulher, mas o que ela propõe, em verdade, está na ordem. Isso porque, em confronto com seu desejo de ser uma “mulher de verdade”, existe uma saber institucionalizado que a controla. Sobre essa ordem do discurso e sobre esta condição dos sujeitos, Foucault adverte:

“O desejo diz: ‘Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem à minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz’. E a instituição

responde: ‘Você não tem por que temer começar, estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre algum poder, é de nós, só de nós, que lhe advém.’” (FOUCAULT, 2009, p. 7)

Portanto, os discursos que circulam devem estar na ordem, pois a “instituição” não permite que dela fujam. Vanessa não tem o direito/o poder de dizer o que quiser, ou melhor, de propor uma desobediência feminina, ela não pode falar de qualquer coisa que não está na ordem, pois, em uma sociedade, o discurso é controlado. Assim, esse discurso está atravessado pelas instituições de poder, que normatizam os comportamentos. Dessa forma, um sujeito não tem total domínio do seu dizer, há outras “vozes” que atravessam o seu discurso.

Foucault (2009) esclarece que existem pessoas que estão autorizadas a falar. O “tabu do objeto”, “o ritual da circunstância” e “o direito privilegiado do sujeito que fala” são alguns procedimentos de exclusão do discurso na sociedade, visto que a produção do discurso é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída”, sendo a sexualidade uma das regiões mais intensas nesse quesito. “É como se o discurso fosse um dos lugares onde essas regiões exercem, de maneira privilegiada, alguns dos seus mais temíveis poderes” (FOUCAULT, 2009, p.9). Sendo Vanessa uma especialista no assunto, sexóloga que detém um saber legitimado institucionalmente, com o seu currículo carregado de teorias e práticas proporcionadas por estudos e por sua experiência como prostituta, ela possui o direito privilegiado de falar, estando legitimada a expressar um discurso detentor da “verdade” sobre a mulher.

Por outro lado, ela não pode propor algo que não siga determinada ordem do discurso. Assim, em seu discurso, encontram-se divisões entre verdadeiro e falso, entre razão e desrazão, como também interdições que definem o que é permitido ou não falar, forma pela qual o dispositivo da sexualidade se manifesta. Este é, ainda, uma função estratégica para fazer funcionar a relação de saber e poder, é um modo de governar o outro. Dessa forma, o discurso em análise é detentor de um saber e, por meio do poder que lhe é intrínseco, atua na constituição da subjetividade da mulher, colocando-a, ainda, em uma posição subalterna em relação ao homem.

Notamos, então, que o discurso em estudo é interdito, pois, por mais que se busque falar de um relacionamento em que a mulher seja empoderada, esta continua, ainda, em uma posição inferior em relação ao homem, buscando negar a si mesma e satisfazer ao outro. Aquilo que nós sabemos é considerado verdadeiro, o que não

sabemos é considerado como falso, e o que se soube, por muito tempo, é que a mulher é inferior ao homem e a ele submissa.

A distinção entre o verdadeiro e o falso (“o que sabemos” e “o que não sabemos”) é um dos procedimentos de controle dos discursos analisados por Foucault (2009). O discurso não é um simples encadeamento de palavras, que buscam constituir um significado em si mesmo, ele é, antes de tudo, a reprodução de valores sociais que devem se perpetuar. Dessa forma, propor algo diferente, que fuja à ordem, seria rejeitado por todos, possivelmente, Vanessa seria tachada como “louca”. Assim, não é possível falar de um “empoderamento” que coloque a mulher em uma situação de igualdade com o homem. Seria um perigo!

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE UM PERCURSO DE MULHER E SEUS INDÍCIOS PARA UMA HISTÓRIA DA SEDUÇÃO

Iniciamos uma pesquisa com muitas perguntas, crendo que todas seriam respondidas. Eu, como uma mulher, também enunciada neste texto do qual busquei ilusoriamente me distanciar, me coloco num lugar também de objeto desta mesma pesquisa. Michel Foucault fala sobre esta natureza das ciências humanas em sua obra “As palavras e as coisas”. O duplo do homem: ao tempo que é o sujeito que pergunta, é o objeto desta questão. Que perguntas, fiz eu-mulher-pesquisadora para começar esta incursão sobre a dita mulher magnética?

Para conduzir essa pesquisa, levantei algumas questões, entre elas “Quem é a mulher magnética?”, “O que busca essa mulher?”, “Que práticas a subjetivam?”, “Por que a mulher ainda está associada ao desejo de se casar mesmo não dependendo mais do homem?”, “Quem é a mulher hoje?”.

Com esse estudo, cheguei a algumas respostas. A mulher magnética, uma mulher empoderada e protagonista da própria vida, segundo a *coach* Vanessa de

Oliveira, é, na verdade, uma mulher que está em vias de se libertar do lugar que foi historicamente imposto a ela, porém, como observamos por meio da análise discursiva, ela ainda ocupa o lugar de agradar ao homem, associando a felicidade ao relacionamento heteroafetivo. A mulher de hoje, apesar de muitas conquistas a seu favor, ainda se encontra presa ao desejo de se casar com um homem, sendo esse desejo, muitas vezes, imposto socialmente, controle obtido por meio do dispositivo da sexualidade. Assim, por meio da constrição, o poder se exerce e a mulher deseja aquilo que foi moldada para desejar, sendo, então, esse desejo construído. Apesar de poder estudar, trabalhar, ocupar diversos cargos, ações inalcançáveis por muitas mulheres de outras temporalidades, as quais tinham como único objetivo de vida a conquista de um casamento, a mulher de hoje ainda recebe cobranças sociais acerca da relação conjugal e a busca constantemente, o que demonstra a atuação do dispositivo da sexualidade.

É nesse contexto, em que permeia, por um lado, o empoderamento feminino decorrente das lutas feministas e, por outro, a conservação da visão de inferioridade do sexo feminino, que o discurso sobre a mulher magnética ganha espaço, visto que se reveste de um enunciado que propõe uma liberdade (no sentido foucaultiano) da mulher, convidando a mulher de hoje a se experimentar, a cuidar de si, mas, ao mesmo tempo, não consegue se libertar da visão historicamente constituída sobre a mulher, de ser inferior, o que a faz buscar aprender mais sobre o homem para conseguir com ele manter um relacionamento. Assim, com base na noção de liberdade foucaultiana, que não é da ordem da liberação, mas está no campo das lutas, é possível pensar neste discurso sobre mulher magnética como um lugar de embate e de uma liberdade produzida entre práticas de controle e de insurgência da mulher. A questão é saber como as práticas que se indiciam cotidianamente produzem um discurso de fato nesta direção.

O que se observa pelos depoimentos em especial das seguidoras de Vanessa é que muitas mulheres vão seguindo os ensinamentos da *coach*, sem questionar os arranjos sociais, sem ter uma atitude crítica (como propôs Foucault), aceitando ocupar esse lugar de ter que casar, de ter que agradar ao homem, fazendo cursos, estudando, pagando para aprender, acreditando estar ocupando uma posição de protagonismo e empoderamento ao tornarem-se magnéticas. É notável que o corpo feminino é docilizado, treinado a continuar obedecendo e ocupando o mesmo lugar sempre estabelecido à mulher, o que é possível, sobretudo, devido ao dispositivo da sexualidade que atravessa a constituição da mulher de hoje, ou seja, a sua subjetividade. O discurso que propaga a ideia de submissão ao homem, visto em documentos como a bíblia e na

literatura, acumulam-se, constituindo um arquivo e atravessando os modos de subjetivação da mulher de hoje.

Mesmo após estudos sobre gênero e inúmeras lutas feministas que possibilitaram a conquista de um maior espaço da mulher na sociedade, aparentando uma ruptura com subjetividades que propuseram a ocupação de lugares desprivilegiados para as mulheres, notamos que a ideia de controle e submissão ao sexo oposto se faz presente no discurso sobre a mulher magnética, que propõe um “empoderamento” feminino e, conseqüentemente, um rompimento com os discursos anteriores que determinavam um lugar subalterno na sociedade, mas que, em verdade, repetem e atualizam discursos sobre a mulher que circularam em outras temporalidades. A noção de governo de Foucault foi base para o desenvolvimento dessa análise, necessária para pensar o sujeito e o modo como ele é governado. Assim, notamos como a *coach* alcançou o governo de si e, com isso, pôde ocupar um lugar de governo do outro, direcionando a vida de muitas mulheres.

Observando o lugar de onde fala o sujeito, podemos afirmar que Vanessa está sob o controle de um sistema de forças, mas há indícios de uma luta pelo enfretamento deste poder que quer colocar a mulher onde ela não quer. É verdade que a sua postura parece revestida do poder pastoral desenvolvido pela igreja, observa-se uma busca pelo rompimento com as práticas discursivas que controlam a mulher, ao propor, por exemplo, um convite à mulher para sair desse lugar que lhe foi determinado, porém o que se nota é que o discurso em análise está mais próximo a uma reprodução, uma reatualização de enunciados, que foram envolvidos em uma nova relação.

Por mais que se busque romper com o passado histórico da mulher, esse está presente em discursos atuais, pois, como discutido, o discurso sobre a mulher magnética está na ordem, devido ao controle exercido sobre o discurso em uma sociedade (FOUCAULT, 2009). Assim, por mais que se proponha um empoderamento, ainda há mecanismos de interdição do discurso, que o controlam.

Dessa forma, uma independência financeira do homem foi alcançada, porém a independência emocional ainda não, visto que a mulher atual, como observado neste trabalho, ainda se prende à ideia de estar envolvida em um relacionamento heteroafetivo para se sentir satisfeita/feliz e está envolvida por dispositivos que docilizam o seu corpo.

Essa atualização discursiva não é notável por muitas mulheres, que acreditam seguir uma conduta de empoderamento, de protagonismo, e até a própria Vanessa, que

tenta conduzi-las para uma liberdade, uma experimentação de si como propõe Foucault, após passar por uma atitude crítica, libertando-se de muitas condutas impostas por relações de poder, volta para o mesmo lugar de controle.

Muitas mulheres ainda tomam como verdade um discurso que as colocam em uma posição de dependência do homem, sem questionar os arranjos sociais, aceitando ocupar uma posição inferior. Lembrando que a verdade, segundo Foucault (1979), é uma tecnologia de poder, sendo por ele produzida e, assim, exerce uma relação de força sobre o indivíduo. Dessa forma, sendo visto como uma verdade, o discurso sobre a mulher magnética atrai um grande público feminino.

Portanto, a mulher, hoje, ainda se encontra em um espaço inferior em relação ao homem, é ele que toma a decisão, como em tempos passados, mesmo após várias conquistas femininas. Ela alcançou uma maior liberdade, se comparada a outros recortes temporais, pelo fato de poder estudar, trabalhar, sair só à rua, porém, de acordo com o discurso analisado, ainda está longe de ser a protagonista da própria história, uma vez que precisa aprender para agradar ao homem e, assim, conquistá-lo.

O ideal sobre a mulher é constituído por meio de normas que regulam certas práticas, criando uma verdade sobre o sujeito mulher, e o discurso que conceitualiza a mulher magnética reforça essas normas, está atravessado por elas, determinando o ideal da mulher atual.

Com esse estudo, conseguimos alcançar os objetivos inicialmente propostos: analisar o processo de subjetivação da mulher magnética, verificar como se definem as modalidades enunciativas para o corpo feminino que é/foi docilizado, descrever o dispositivo da sexualidade que atravessa a constituição da mulher de hoje e identificar as regularidades discursivas que colaboram para a constituição dessa mulher para, dessa forma, analisar quais são as condições sócio-históricas de raridade, exterioridade e acúmulo dos enunciados que definem a existência de uma mulher magnética nos dias atuais. As noções teóricas eleitas deram conta da análise que se pretendia fazer, porém, ainda há algumas noções a serem aprofundadas em um trabalho futuro, como a história da sedução. Com a análise aqui realizada, de uma mulher que se propõe a falar para outras sobre relacionamento, em um espaço de sedução, de empoderamento, espera-se que outros trabalhos sejam desenvolvidos nesse sentido e façam vir à tona essas práticas de sedução, o que pode ir constituindo uma história da sedução, para que seja feita uma arqueologia, tal como Foucault constituiu a história da sexualidade e a história da loucura, ele faz uma arqueologia dos saberes produzidos pelas práticas. Uma história da

sedução passaria por esse olhar para dar visibilidade a essas práticas de sedução e mostrar como elas acontecem, até onde empoderam a mulher ou a mantêm sob controle.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. **A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia**. In: História das mulheres no Brasil. PRIORI, Mary Del (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). 10.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

ARAÚJO, Inês Lacerda, 1950. **Foucault e a crítica do sujeito**. 2.ed. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2008.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

BRASIL. **Lei de 16 de dezembro de 1830**. Institui o Código Criminal do Império do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm. Acesso em: 03 jan. 2021.

BREUER, J.; FREUD, S. **Estudos sobre a histeria**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. Os limites discursivos do “sexo”. N-1 Edições, 2019.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**. 2. Ed. São Paulo: Planeta, 2014.

ENGEL, Magali. **Psiquiatria e feminilidade**. In: História das mulheres no Brasil. PRIORI, Mary Del (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). 10.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 13.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. 6.ed. /rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

_____. **História da sexualidade 4: As confissões da carne**. Relógio D’Água Editores, 2019b.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **O que é a crítica?** seguido de A cultura de si. Librairie Philosophique J. VRIN, 2015.

_____. **O sujeito e o poder.** In.: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel Foucault: Uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Subjetividade e verdade:** curso no Collège de France (1980-1981). Edição estabelecida por Frédéric Gros, sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

_____. **Uma estética da existência.** In M. B. Motta (Org.), Ética, sexualidade, política. Ditos e escritos V. (E. Monteiro e I. Barbosa, Trad.). (pp. 288-393) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão; tradução de Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis, Vozes, 1977.

GROS, Frédéric. **Desobedecer.** São Paulo, Ubu Editora, 2018.

GUEDES, Mylena. Mulheres ganham 77,7% do salário dos homens no Brasil, diz IBGE. **CNN Brasil, Rio de Janeiro, 04 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2021/03/04/mulheres-ganham-77-7-dos-salarios-dos-homens-no-brasil-diz-ibge>. Acesso em: 01 abr. 2021.**

HOLLAND, J. **Por que os casamentos duravam antigamente.** Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br/forum/11/175859/>> Acesso em: 23 jul. 2018.

JENAINATI, Cathia. **Feminismo: Um guia gráfico.** Cathia Jenainati; ilustrações de Judy Groves, Jem Milton; tradução de Beatriz Medina. Rio de Janeiro, Sextante, 2020.

LAURETIS, Teresa de. "**A tecnologia de gênero**". In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 206-242.

LEVY, Joel. **Só Freud explica:** todos os conceitos de psicologia que você precisa conhecer. 1 ed. São Paulo: Planeta, 2014.

MILANEZ, Nilton. **O corpo liberto.** Video didático-pedagógico. Texto e roteiro: Nilton Milanez. Narração: Revson Costa. Edição: Cenacurta Audiovisual. Feira de Santana: Labedisco, 2020.

NAVARRO, P. **Dispositivo da sexualidade, discurso da mídia e o corpo feminino.** In: JÚNIOR, Antônio Fernandes; SOUSA, Kátia Menezes (Orgs.). Dispositivos de Poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade. Goiânia: Gráfica UFG, 2014, p.171-192.

NICHOLSON, L. **Interpretando o gênero.** Revistas de Estudos Feministas, Santa Catarina, v. 8, n, 2, p. 8-41, 2000.

NORONHA, Heloísa. **Mulheres ainda sofrem cobranças (e se cobram) para casar e ter filhos.** São Paulo: UOL, 2015. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2015/04/17/mulheres-ainda-sofrem-cobrancas-e-se-cobram-para-casas-e-ter-filhos.htm?cmpid=copiaecola>

OLIVEIRA, Vanessa. **Descubra como centenas de mulheres estão fazendo para ter relacionamentos duradouros e felizes.** Vanessa de Oliveira. Disponível em: <https://www.vanessadeoliveira.com.br/>. Acesso em: 28 mai. 2020.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru, SP: EDUSC, 2005.
<https://vejasp.abril.com.br/blog/sexo-e-a-cidade/ex-prostituta-que-se-tornou-sexologa-lanca-curso-gratuito-de-autoestima/>

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2019.

QUEIROZ, S. **O sacro ofício.** Belo Horizonte: Comunicação, 1980.

RAGO, Margareth. **Foucault, o neoliberalismo e as insurreições feministas.** In: Org.; GALLO, Sílvio, Org. Michel Foucault e as insurreições. É inútil revoltar-se? Organização de Margareth Rago e Sílvio Gallo – São Paulo: CNPq, Capes, Fapesp, Intermeios, 2017.

RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade.** In: História das mulheres no Brasil. PRIORI, Mary Del (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). 10.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais.** São Carlos : Claraluz, 2005.

RIBEIRO, Joyce. **Fé, casamento e dinheiro são razões para prostitutas deixarem profissão.** R7, São Paulo, 13 fev. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/fe->

casamento-e-dinheiro-sao-razoas-para-prostitutas-deixarem-profissao-13022020.
Acesso em: 05 jun. 2020.

SOUZA, Líria Alves de. **Magnetismo**; *Brasil Escola*. Disponível em:
<https://brasilecola.uol.com.br/quimica/magnetismo.htm>. Acesso em 12 DEZ 2020.

Um em cada 3 brasileiros culpa mulher em casos de estupro, diz Datafolha. Portal G1, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/um-em-cada-3-brasileiros-culpa-vitima-em-casos-de-estupro-diz-datafolha.html>

ZWIPP, Patricia. **Kama Sutra vai além das posições sexuais**. Disponível em:
<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/mulher/kama-sutra-vai-alem-das-posicoes-sexuais,44186ee9f9e27310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html#:~:text=O%20Kama%20Sutra%20tem%20origem,suas%20vers%C3%B5es%20em%20outros%20idiomas>.
Acesso em: 08 dez. 2020.